

Gravação: breno_chaves

Duração: [01:47:53]

Legenda	Descrição
(comentário aqui)	Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas).
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia uma fala.
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza.
ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância.
hã	Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão.
Orador A	Jean
Orador B	Breno Chaves
Orador C	Não identificada
Orador D	Não identificada

Início da Transcrição [00:00:02]

[00:00:02] Orador B: Bom, eu vou gravar. Posso começar?

[00:00:01] Orador A: Sim, claro.

[00:00:04] Orador B: Eu vou gravar também porque eu quero...

[00:00:05] Orador A: Calma aí que eu...

[00:00:08] Orador C: Eu vou ficar com o computador aberto só pra ir anotando coisas caso também surja de insight.

[00:00:12] Orador A: É, eu também tô com...

[00:00:13] Orador C: Mas o Jean que é o nosso...

[00:00:15] Orador B: Vou conduzir.

[00:00:15] Orador A: É, né. Deixa eu pegar aqui o... Eu fiz um roteirinho pra mim. Tá ótimo. Ah, obrigado, viu? Foi muito legal mesmo assim pronto atendimento, a ideia da gente poder conversar e acho que pra Casa do Povo é muito importante, porque são outras histórias.

[00:00:35] Orador B: Uhum.

[00:00:35] Orador A: Sempre e de maneira muito assertiva, muito bom, sempre as mesmas pessoas que estão próximas, elas acabam sendo acionadas pra falar um pouco do Scholem e pra falar um pouco dessa... Quando a gente traz alguém que não está nesse circuito, pra nós é muito, muito importante, porque a gente vai aprendendo muito.

[00:00:52] Orador B: Legal.

[00:00:53] Orador A: E que fique à vontade. Não precisa falar só do (inint) [00:00:55] e não precisa falar...

[00:00:57] Orador B: É porque realmente tem muitas... A coisa vai...

[00:01:01] Orador A: Ahã. Tá. Então fique à vontade e...

[00:01:04] Orador B: Tá bom.

[00:01:05] Orador A: ...pensa que é uma sessão de psicanálise.

(risos)

[00:01:06] Orador B: Ótimo. Você quer alguma pergun... Quer começar?

[00:01:12] Orador A: É, eu quero. Eu quero. Eu quero que você comece falando quem é você, quem é sua família, como você chegou até o Scholem, também como foi sua infância, como... Tudo. Não precisa ser ligado, mas fale quem é o Breno Chaves.

[00:01:26] Orador B: Então, assim, a minha família, eu tenho uma parte da minha família que é bem tradicional, que é parte da minha mãe, né? São quatrocentões, né? Pessoal que era do... Tinha fazenda de café, aquela coisa, né, interior de São Paulo, e tem uma parte da família que

é parte do meu pai, que é do Sul, do Rio Grande do Sul, que meu pai é negro, né? Então foi a junção dessas duas pessoas, né? E, pra época, foi um escândalo, porque minha mãe era uma pessoa de uma família muito tradicional e de repente ela, muito rebelde, e aí ela tava sendo encaminhada pra... É aquele tipo de educação, né, que ela era bailarina, pianista, toda aquela história, né, e um dia ela chegou e falou "eu não quero nada disso, eu quero estudar arquitetura". Assim, né? E largou tudo aquilo ali e foi estudar no EAD, que era uma escola que tinha ali na, se não me engano, na Avenida Angélica, era uma escola... Era nível de segundo grau, se eu não me engano. Não era um curso superior, mas ela começou nessa história, e meu pai dava aula lá. E ela meio se apaixonou pelo meu pai, né? Porque o meu pai ele era um cara muito carismático, era um cara muito assim... Muito... Inclusive até hoje tem muitas pessoas que foram alunas dele e falam muito, né, do meu pai e tal, né? E aí acabaram assim em muito pouco tempo eles acabaram casando. Né? E meu pai ele tinha... Ele era desquitado e tinha duas filhas já, que era minhas duas irmãs, né? E... Mas aí ela acabou indo... Foram morar juntos e tiveram a vida deles, né? Então eu sou, assim, eu sou fruto dessas duas pessoas aí. E a gente foi morar no... A gente começou a morar na Bela Vista, né? A gente foi pra Bela Vista. E a história do Shollem ela aconteceu da seguinte forma: meu pai foi fazer uma... Eu não era nascido ainda, eu era... Acho que eu tinha, sei lá, tipo dois meses. O meu pai ele foi fazer uma viagem de avião, eu não sei exatamente pra onde, e nessa... Nessa viagem, tinha duas mulheres. Uma delas não ia viajar, mas tava acompanhando uma outra. E ela não tava muito bem. Né? E essa mulher chegou e falou "olha, o senhor tá indo pra São Paulo?" "Tô indo pra São Paulo, tal", "então você..." "Olha, ela tá indo viajar, ela não tá muito bem, mas você pode ficar meio com ela?" Ele falou "ok". E essa mulher que não tava bem era a Fani, que era aqui do Scholem. Né? E eles começaram a conversar durante a viagem. Né? E meu pai queria muito... A minha irmã mais velha, a Angélica, ela... Ele queria colocar ela numa escola, ela estava estudando numa escola aqui em São Paulo, ela veio do Sul, né? Ela tinha, se eu não me engano, seis, sete anos de idade. Seis anos de idade, ela tinha. Então se ela tinha seis, eu tinha... Eu era... Tinha dois meses assim. Tem uma diferença de seis anos. E ela foi praquela escola Batista Brasileira, não sei o quê, tal, e meu pai completamente... Sei lá. Não deu certo e ele queria tirar ela da escola e botar numa outra escola e começou a conversar com ela sobre essa questão de escola, tal. Ela falou "ah, mas tem... Coloca ela no Scholem. Ele falou "o Scholem não é uma escola judaica?" "Não, é, mais é uma escola progressista, vai conhecer" e bababá, bababá, bababá. E minha irmã entrou no Scholem. Começou a estudar. E aí a minha irmã do meio, que tem uma diferença de três anos, quando ela... Ela veio do Sul depois dessa irmã dessa irmã mais velha, quando ela

veio, ela também já foi direto veio pra cá. E aí, eu com três anos de idade vim pra cá também. Então isso... Era nós três que estudávamos na escola. Né? Os três diferente na escola, né? E então foi assim, né? Eu entrei aqui no maternal. Né? Eu tenho alguns flashes assim de... Eu lembro, tinha um lugar que tinha um canteiro de areia, que a gente brincava ali. Eu lembro de alguns amigos. Eu lembro que uma vez veio Caetano Veloso aqui, época da Tropicália. Eles vieram aqui e o Caetano sentou do meu lado e eles fizeram um showzinho pra gente. É uma coisa maravilhosa, assim. Lembro do Odênis, que era diretor, da Valquíria, as pessoas assim, né? Algumas professoras. E, assim, eu tive... Eu tinha uma vida muito engraçada assim, porque eu morava na Bela Vista e os meus amigos estudavam em outras escolas e eu estudava na escola judaica. Então os meus amigos eram da escola. Né? Então eu tive toda uma convivência. Né? Estudei (inint) [00:06:18] depois fui estudar hebraico, né, umas coisas assim loucas. Inclusive até minha irmã do meio, a Regina, ela lia muito bem, assim. Ela conseguia pegar um livro, mandava ver, assim, né? Porque ela estudou mais tempo do que eu, né? Então foi uma infância assim, meus amigos todos a maioria judeus, né? Então todas as minhas namoradas, que eu gostava de namorar desde cedo, foram meninas judias assim, né? E era muito engraçado assim, né? Então eu... E essas pessoas foram pessoas que depois eu fui reencontrar, né, depois que eu saí da escola. E, assim, acabei saindo do Scholem porque eu, na verdade, eu comecei a ter mais amigos ali onde eu morava. Né? E essa coisa de vir pra escola, uma hora eu não queria mais vir de perua, então meus pais deixavam eu vir de ônibus. Então eu vinha de ônibus sozinho e tal. E os meus amigos lá na outra escola. Aí eu queria sair da escola, aí me botaram numa escola perto de casa. Eu não aguentava mais pegar ônibus. Então eu estudei da quinta série até oitava série eu estudei numa outra escola lá no meu bairro, tal. E aí meu pai meio deixou assim. Falou "vai". O meu pai ele é muito preocupado com a qualidade do ensino, tal. Ele falou "mas tudo bem, o colegial nós vamos fazer numa escola legal. Eu quero que você tenha uma formação bacana". E aí eu fui cair no Sagarana. Vocês conhecem o Sagarana? Já ouviram falar? Então, o Sagarana era quase uma extensão do Scholem. Né? No colegial. Eu chego no Sagarana eu encontro um monte de gente que estudou comigo no Scholem quando eu era pequenininho. Então a Sandrinha que eu te falei, a Ane Graver. Não vou lembrar de todo mundo aqui. Enfim, muita gente assim que quer, que olhou pra mim e falou "você não é o Breno?" "Eu sou". "Pô, não sei o quê, tal". Então foi um barato assim. Foi muito legal. Então essa parte de escola foi assim, né, e foi mais ou menos esse o caminho. Depois aí acabou o colegial, tudo, aí eu fui pra faculdade, né, fui fazer música. Quer dizer, tentei fazer outras coisas antes. Meu pai não queria que eu (inint) [00:08:50] meio ser músico. Meu pai dava... Ele era arquiteto, então ele dava

aula na faculdade de arquitetura, minha mãe também. Vamos... Eu fiz vestibular, entrei, cursei lá um tempinho, ah, não quero isso, eu quero tocar, e saí. Aí fui... Aí uma hora ele mesmo falou "ah, acho que o seu negócio é música mesmo, vai estudar, tal". Então foi assim esse processo.

[00:09:14] Orador A: Em que ano... você falou esse processo com o seu pai conheceu a Fani e aí as suas... Que ano que foi isso?

[00:09:19] Orador B: É década de 60.

[00:09:20] Orador A: Década de 60. Ahã.

[00:09:23] Orador B: Porque eu sou de 63. Então provavelmente isso aí foi... É, come... Década de sessen... 60 mesmo assim.

[00:09:33] Orador A: E aí suas duas irmãs... E aí você foi ser música e aí, a partir daí, a hora que você entrou na faculdade de música...

[00:09:40] Orador B: É, aí... Mas aí, assim, a vida é muito doida, né, porque nessa fase que eu fui fazer faculdade, eu já... Eu já... Eu tive uma namorada que era judia... (risos) Impressionante assim. E que a gente namorou uma época tal, depois... Quer dizer, a gente se separou, ficou uns dois anos namorando, tal, depois a gente se reencontrou de novo e a gente acabou casando. Né? E tivemos dois filhos. Né? Tivemos dois filhos judeus, né? Que ela é judia, tal. Então eu fiquei mais um tempo, mais dez anos praticamente com a... E o pai dela era uma figura assim. O pai dela ele era um cara muito... O senhor Michel, ele era um cara muito assim de esquerda e contra tudo, então ele era... Ele não... Ele não gostava da religião e não sei o quê, tal, e comunismo e não sei o quê, tal. Mas depois ele ficou mais velho, ele meio se voltou, começou a ler o Torá, aquelas coisas, né? E começou... Então a gente tinha altos papos assim. Era muito engraçado assim. Os almoços de domingo era só conversando e falando, tal. E então eu acabei ficando mais um tempo. Depois aí aconteceu, né, eu tive... A nossa filha, a primeira filha faleceu, teve uma morte súbita assim com sete anos de idade. E aí o casamento acabou, porque é uma coisa que meio... Parece que me acompanha, né, que essas coisas... Depois a gente ficou até sabendo que quando você tem, né, um falecimento assim de criança geralmente, parece que 87% dos casamentos acabam assim. E não se sabe exatamente por quê. Mas somos amigos até hoje, a gente tem uma relação ótima, né? E temos um filho, né, que é o Yuri, tal, que ele tá agora... O Yuri esse ano faz 18 anos. A Yasmim taria fazendo 20. Né? Então foi isso, né, que ela... Que eu falei pra vocês, né, aquela coisa que, né, você tem uma infan... E a coisa vai, né, continua,

né, de certa forma, né? Esses laços aí, né? E eu não sei por que que é assim, né, que foi assim, né? Mas eu sempre tive muito ligado com a comunidade judaica assim, né? Muito doído.

[00:12:09] Orador A: Uhum. Sentimentos pela sua filha. É uma perda muito (inint) [00:12:12]

[00:12:11] Orador B: É. Foi dia... Foi no... Em 2011.

[00:12:15] Orador A: 2011.

[00:12:17] Orador B: Já faz um tem... É, tá fazendo um tempinho já.

[00:12:20] Orador A: Uhum.

[00:12:20] Orador B: Mas é coisas que acontecem, né? Essas coisas acontecem.

[00:12:26] Orador A: E qual que era o sobrenome da sua ex-companheira?

[00:12:30] Orador B: É Lebstajn.

[00:12:12] Orador A: Lebstajn (inint) [00:12:34]

[00:12:33] Orador B: (inint) [00:12:34] Lebtein.

[00:12:38] Orador A: E seu sogro?

[00:12:38] Orador B: Michel Lebstajn e a minha sogra Idalina... ela tinha um nome no meio, acho que era Ialovite Lebstajn. Mas é tudo judeu polonês, né? Polônia. Tem aqueles lebsta... É t-a-j-n, né? Tajn, que é do polonês, né?

[00:12:59] Orador A: E eles eram aqui do Bom Retiro ou...

[00:13:00] Orador B: Não, não. Eles eram... Ele era de Pinheiros.

[00:13:01] Orador A: Sim.

[00:13:03] Orador B: Toda... Sempre moraram na Morato Coelho ali, tal, né? Pessoas muitos legais assim do... O meu cunhado é um cara muito bacana, é professor lá da USP, né? Um cara muito legal. A gente se dá super bem. Então, enfim, tenho relações ótimas assim, né? Que infelizmente... Né? Aí meu sogro e minha sogra faleceram também, já faz pouco tempo também. Não faz muito tempo, né?

[00:13:30] Orador A: E você falou isso assim que eu, minhas chegamos lá e éramos os diferentes da escola.

[00:13:38] Orador B: É.

[00:13:38] Orador A: O que é esse diferente? O que que era isso? Qual que (inint) [00:13:42]

[00:13:43] Orador B: É, então, é legal essa pergunta, porque tem umas histórias assim doidas assim que aconteceram com isso, porque a escola ela acolheu muito bem a gente assim, né? A escola era muito tranquila nesse sentido, né? Claro que tinha... A gente sentia que tinha. Eu sentia que tinha alguns profe... Não professores, mas algumas pessoas que trabalhavam na escola que tinham um olhar meio, né, aquela coisa assim, né? Eu lembro dum senhor que trabalhava no almoxarifado, que é o seu Meler, ele era bravo com todo mundo, na verdade, né? Mas ele não tinha muita simpatia assim. Ele olhava, o que esses caras tão fazendo aqui, né? Mas, assim, nunca tive nenhum problema nesse sentido assim, né? A gente inclusive era muito querido na escola assim, né? Tinha algumas questões com alguns alunos. Assim, né, ah, o pelezinho, ah, não toma banho, aquelas coisas assim, né? E eu era muito tranquilo, então eu também não... Entrava por aqui e saía por ali, né? Agora minha irmã do meio ela era muito assim sarcástica assim. Então ela conta umas histórias assim doidas, a gente... Ela foi contemporânea do Leandro... Como é que... O Lean... Leandro (inint) [00:14:54] que era... Estudaram juntos aqui. Eu fui estudar com irmão dele, que era o Eduardo (inint) [00:15:02], fizemos o Sagarana juntos, a gente se reencontrou no Sagarana. Ele foi aluno aqui também. Mas eu lembro... Era uma turminha muito engraçada assim, porque na turma dela tinha os que não eram judeus também. Né? E um dia ela... Um dia ela contou uma coisa assim que foi engraçadíssima. Chegou... Que tinha umas meninas que eram muito assim, né? Olhava pra (inint) [00:15:21] vocês têm cozinha em casa? E minha irmã "é claro que não; a gente faz uma fogueira assim no meio da sala e a gente cozinha lá e..." E a menina ficou olhando com uma cara assim, né? Então minha irmã tinha essas tiradas assim, né, tipo... Mas, assim, eu lembro que... Claro, e essas pessoas também, os amigos também frequentavam minha casa, né? Então iam muito lá em casa, né? Então, assim, não tenho nenhum assim trauma, assim, aquela "ah, foi uma coisa complicada, racismo". Não tinha. Tinha ami... Tinha os meus amigos, dormia na casa deles, eles dormiam na minha casa. Era muito tranquilo assim, né? A escola, né... A relação com os professores também, né? Nunca tive... Mas a gente sentia que tinha essa coisa de... A gente até se fala poxa, é difere... Né? A gente somos... Nós somos os únicos, né, aqui da escola

que são assim. Eu tinha um amigo também, era um pouquinho mais moreninho assim, que era o Eduardo Santos Sousa, Dudu Santos Sousa, que é músico também. Que ele tinha uma irmã também que estudou aqui, que era a Rifca Santos Sousa, e tem uma que é cantora, que é a... Acabei de esquecer o nome dela agora. Que virou uma cantora de jazz, ela mora nos Estados Unidos e a gente tem... Luciana? Luciana Santos Sousa? Acho que é. São meus amigos e tal, né? Porque também não eram judeus também. Mas, assim, era, olha, certamente, era bem de boa assim. Muito diferente do Renascença. Eu lembro que o Renascença, aquela escola que tinha ali... Aliás ali, né, Renascença era um negócio assim terrível, né? E tinha muita rixa do pessoal do Scholem com o Renascença, né? Eles não, assim, não se davam bem assim. Claro que tinha um pessoal mais conservador que entrou aqui pro Scholem, depois não gostaram e... E tinha um sonho de ir pro Renascença, né? Renascença, que é uma escola mais e tal. Mas nessa brincadeira, assim, a gente frequentava, né, frequentava os clubes, né, frequentava... Putz. Eu ia... Por exemplo, as minhas irmãs elas eram muito boas de atletismo. E no Scholem tinha uma coisa muito legal com atletismo, né? E as minhas irmãs eram muito feras assim. Elas corriam muito, elas eram muito atléticas assim, né? Então tinha muita... Tinha muita coisa no Hebraica, as competições, não sei o quê, né? E na Hebraica tinha uns problemas. Na Hebraica tinha era bem complicado. Eu lembro uma vez a minha... Minhas irmãs foram competir na Hebraica e o... Minha mãe tava na fila lá pra entrar, pra assistir a competição, e ela tava com uma mulher negra, né, e que era a Janete, e aí chegaram na hora "a senhora não pode entrar". Aí minha mãe já sabia toda a história, né? "Por que que não pode entrar?" "Não, não pode entrar, porque..." Não sabiam responder por que, não sei o quê, aí minha mãe falou "não, eu quero falar..." Aí chegou um cara que era um cara, sei lá, um diretor, "não, não, pode entrar, entra". Né? Tem aquela história, né, que é complicada, né, porque são as minorias, né? Então judeu é minoria, negro é minoria, e fica aquela coisa meio... Mas tem, né? A gente sabe que tem. Dos dois lados tem. Na verdade. Então tinha algumas coisinhas assim, umas coisas não dentro da escola, mas a gente sentia que nos outros ambientes tinham essas coisas, né? E...

[00:19:09] Orador A: Essas convivências que tinha.

[00:19:15] Orador B: É, é. Exatamente, né? Então, mas... Não é nem pelo fato de ser judeu, né? Assim... Eu tenho parentes assim, por exemplo, que frequentam lá o... Que são sócios do... Como é que chama aquele clube lá? O meu primo vai. Ah, eu entro lá, eu sinto assim, nossa, um negócio... Não tem nem vontade de ir, né? Você vê aquele povo ali que não... O que você vê assim de negro é servindo. Sabe? É servindo, é garçom, é o cara que limpa a piscina. É

complicado isso aí, né? Mas são coisas que o país ainda não... Tá... Depois ainda... Depois desse governo que a gente teve aí também, pelo amor de Deus, né? Que loucura, né, cara.

[00:20:09] Orador A: E aí a sua experiência de convivência, né, no tempo do Scholem assim, ah, como que era o dia a dia, as disciplinas, as aulas, o que você gostava? Depois eu tenho mais uma outra...

[00:20:20] Orador B: Ahã.

[00:20:21] Orador A: Coisa aqui.

[00:20:22] Orador B: Olha, era muito... O Scholem era muito agradável, porque a gente tinha... Putz, a gente tinha aula de música, né? A professora dava um relaxamento pra gente antes da aula. Depois tinha aula de música e... Então, assim, era... Os professores eram muito bons. Né? Os professores eram excelentes assim. Eu não gostava assim, por exemplo, de estudar hebraico, de estudar iídiche, porque era uma coisa que não... Eu não tinha aquilo... Não tinha uma função assim. Meus amigos gostavam. Ah, porque eu vou pra Israel, e tinha essa coisa de que ele ia pra Israel, que era... A grande lance dos meus amigos é aquilo ali, eles iam pra Israel um dia. Né? Então tinha a questão também do Bar Mitzvá, tal, né? Então tem toda essa coisa que acompanha, né? Então tinha uma coi... Eu não ia fazer, né, me converter, não ia acontecer nada. Então era uma coisa que ficava meio ali, né, tal... E... Mas, assim, é engraçado que eu vi... Eu lembro assim que tava meu sogro, às vezes, né, ele vinha com os livros, tal, e eu "ah, isso aqui não é isso..." "Mas você lembra ainda?" Alguma coisinha, tal, né, do alfabeto, tal. Então sempre é bom, né, gente. São experiências, né, que você vai... De vida ali que você vai acumulando, né? Mas é tranquilo, a rotina da escola era bem legal. Depois tem uma fase que a gente começou a estudar... Estudava à tarde também. Tinha um período à tarde, então a gente ia começar no Salada Record, sabe? Era maravilhoso assim. A gente adorava, adorava. Aquela coisa da independência, né? Então a gente comia, a gente ia comer nos lugares sozinho, com os amigos, né? E nós tamos falando, assim, imagina, quatro... Quarto ano primário, a gente tinha... Era, sei lá, que idade que é quarto ano? 10, 12 anos?

[00:22:14] Orador A: 10, 12.

[00:22:14] Orador C: 12.

[00:22:15] Orador A: É por aí.

[00:22:16] Orador B: Era uma maravilha sentava lá na... Eu quero isso, quero aquilo. Né? Era maravilhoso assim, né? Então eu tenho... Eu tenho recordações só boas assim, só coisas... Lembro de coisa boa no Scholem assim, né?

[00:22:31] Orador A: E hoje é músico, e aí (inint) [00:22:35] mas como... E aí você foi dar aula de música, e como isso influenciou...

[00:22:39] Orador B: Putz, totalmente, gente, porque você vê que é engraçado, porque os meus filhos eles não foram pra escola judaica, né? Mas eles foram estudar na escola Waldorf. Então os meus dois filhos foram criados na escola... Meu filho entrou com um ano e meio na Waldorf e minha filha ela... Eles têm uma diferença de quase... Era de dois anos, praticamente dois anos, né? Então ela tinha três e um pouquinho e ele tinha um ano e meio. Meu filho estudou desde o co... Ele vai se formar agora. Ele tá no 12° ano, sempre na mesma escola. E a Waldorf tem essa mesma... Eu lembro muito assim, quando ele começou, dessa coisa de aula de música, né, que a coisa das artes, né? E era uma coisa que tinha muito aqui no Scholem. Né? De coral. Gravamos o disquinho que tinha, né? E era maravilhoso assim, né? Tinha o teatro (inint) [00:23:40] que a gente de vez em quando assistia uma peça, assistia (inint) [00:23:43] era muito gostoso assim. Foi uma escola muito bacana nesse sentido, né? Eu não consegui, né, mas tinha o estudo no meio, né, que minhas irmãs fizeram, né, que elas... Era assim totalmente transformador, que é uma coisa que tem na escola Waldorf. Não é? Eles viajam lá um tempo, ficam uma semana fora e aqui no Scholem tinha isso aí, né? Então era, nossa, minhas irmãs... Meu sonho era fazer estudo do meio. Era um momento que você saía do ambiente escolar assim e ia viajar com os amigos e fazer lá um trabalho, uma pesquisa, tal, né? Mas isso aí já era no ginásio, né? Eu não cheguei nessa fase, né? Mas eu lembro das minhas irmãs assim, que elas amavam assim. Elas adoravam assim. Era muito bacana... Aliás, todos gostavam, né? Um negócio muito legal. E isso aí na escola Waldorf é igual, né? Então eu acho que até essa minha escolha de botar eles numa escola assim têm muito a ver com a minha própria formação, né? O que eu tive, o que eu achava que era interessante pra eles, né, pra formação deles, né? E o legal é que a minha ex-mulher, apesar de ter estudado em escola tradicional, né, ela estudou em escola mais tradici... Ela estudou no Bandeirantes, ela é médica, né? Ela tem todo um... Mas a... Tem essa coisa muito da arte também na família. Aliás, acho que isso é uma coisa... Não sei se é uma bobagem assim, mas acho que... Eu acho que o povo judaico eles têm um respeito pela arte. Eu sinto isso, eu sempre... Porque meu sogro, ah, poxa, você é música, nossa, muito legal. Entendeu? Não era uma coisa que, ah, mas... Não é? Tinha um res... Eles iam nos meus

concertos, por exemplo. Assistiam, assistiam, davam a maior força e... Sabe? Então tinha uma coisa muito, uma coisa muito respeitosa com... Até porque parentes da minha sogra foram músicos também. Alguns músicos amadores. Então todo mundo tocava violino, tocava trompete, tocava... Meu filho herdou muitos instrumentos dessa família assim, né? Por parte da avó, né? E aí junta com a minha mãe também, que ela é piani... Então, quer dizer, não tinha muito como escapar, né? Então acho que tudo isso é muito bacana, né, porque você, de certa forma, você vai passando, né, pros teus... Pros teus filhos, né, e, enfim, né? Então é isso, né?

[00:26:21] Orador A: E esse (inint) [00:26:22] vai buscar isso na memória. Ah, casos, lembranças, que que você consegue contar pra nós assim de algum fa... Igual você falou do Caetano sentado do lado. O que mais? Do (inint) [00:26:34] como você conseguiria descrever essas cenas?

[00:26:38] Orador B: Ah, cara, é o que eu falei, cara, é uma coisa que... Depois, assim, até acabei encontrando o Caetano Veloso depois, anos depois, né, com 30 de ida... Eu falei pra ele, falei "cara, você, te conhece..." Pô... Ele lembrava. Entendeu? Era uma escola no Bom Retiro? Eu "é, nossa", sabe? Tem umas coisas doidas assim, que a coisa vai... Né? Mas é o que eu disse, eu só tenho lembranças muito legais assim. Depois teve a fase fiz judô aqui na escola também, né? Minhas irmãs fizeram. A minha irmã até acabou seguindo no judô. Ela chegou a quase faixa preta, porque ela gostava de... Atleta assim, tal. E... Mas, cara, esses momentos que eu te falei, cara, assim. Era o Salada Record. Né? Era o teatro Taib, era as brincadeiras, era a feira... A feira de ciências era maravilhosa. Nossa. A nossa feira de ciências que tinha aqui era incrível. Nossa, uma coisa assim que...

[00:27:37] Orador A: Como que era a feira de ciências?

[00:27:38] Orador B: A feira de ciência era tudo... Todo ano lá, não sei que exatamente que... Eu acho que... Não sei se era a quinta série, sexta série, eles faziam um... Tinha uma feira que acontecia todo ano e os alunos faziam projetos, né? Então tinha um cara que... Eu lembro que tinha um cara que me... Era o motor a explosão, como é que funcionava. Então o cara montou um motorzinho lá e acionava o motor, tal. A minha irmã fez um trabalho com abelhas. Todo um trabalho sobre as abelhas, tal, lindo assim, né? E fazia uma exposição grande. A família toda vinha assistir, ver, né? Então você circulava pela feira, cada aluno tinha um trabalho lá. Era... Acho que era um... Não sei se eu lembro se eram grupos. Eram grupos pequenos ali, dois, três alunos que faziam, escolhiam um tema lá. Eu lembro que das minhas irmãs era sobre as

abelhas, né, produção, as colmeias, enfim, eram muito legal assim.

[00:28:44] Orador A: E (inint) [00:28:45] você alguma convivência com a Casa do Povo?

[00:28:48] Orador B: Não, eu não lembro disso. Eu não lembro. Eu era muito novo também, né?

[00:28:54] Orador A: Sim.

[00:28:54] Orador B: Eu não... As minhas irmãs devem ter coisas muito assim... Principalmente a minha irmã do meio. A minha irmã do meio era muito ligada no Scholem. A minha outra irmã ela gostava, mas ela... Eu não... Assim, ela estudou, depois ela saiu, ela, no colegial, ela foi fazer o EAD, que era uma escola de... Uma escola que não tem mais também, que foi uma escola que meu pai deu aula, inclusive, que era uma escola técnica voltada pra desenho, pra... Era um pré... Uma pré-arquitetura, digamos assim, né? Então as pessoas que tinham essa... Aliás, o meu pai ele tentou com os três voltar na profissa... Porque ele tinha escritório, ele queria que a gente continuasse o trabalho dele, mas ninguém ninguém... Todo mundo tinha talento, desenhava bem, curti, mas ninguém seguiu assim, né? A minha irmã mais velha ela era uma pessoa supereclética, assim. Então ela foi muito pro lado da dança, durante um tempo, do teatro. Aí depois ela foi morar na Europa. Ela morou 20 anos em Paris. Lá, casou lá e ficou vinte... 21 anos, eu acho, lá. E aí, de repente um dia, ela falou "vou voltar pro Brasil, não quero envelhecer aqui". Aí voltou, aí montou uma confecção. Mas é sempre pra esse lado da cria... Criativo, assim, né? Sempre foi por aí, né? O marido dela é arquiteto, mas é cenógrafo. Né? E por aí vai, né? E a minha irmã do meio é uma pessoa mais complicada. A minha irmã do meio é uma pessoa sempre foi mais complicada, assim. É uma pessoa que não se adaptou muito assim a nada, assim, né? Muito inteligente. Assim, acima da média mesmo. A minha irmã é uma pessoa impressionante, mas é uma pessoa completamente fora da caixinha. Doidona mesmo, não sabe o que quer. Aí um dia ela resolveu que ia fazer direito. Aí estudou sozinha e entrou na faculdade, mas aí cursou dois meses e saiu. Completamente doidas. E depois ela... Hoje ela tá envolvida com agricultura... Como é que se fala? Essa... É um negócio que ela trabalhou na... É agricultura urbana, tal, né? Tem um negócio das pessoas fazerem coisas nas casas, e fez um trabalho lindo assim. Acho que hoje ela trabalha... Eu nem sei da minha irmã, pra você ter uma ideia. A gente não se vê. Acho que ela trabalha com isso, é professora disso. Né? Essa coisa do meio ambiente, ela gosta desse tipo de coisa, né? Então cada filho foi pra um lado assim. E é isso, né?

[00:31:35] Orador A: (inint) [00:31:36] desse lado criativo, esse lado mais...

[00:31:38] Orador B: Sempre, sempre, porque a escola era muito assim.

[00:31:40] Orador A: Você acha que a escola influenciou?

[00:31:42] Orador B: Nossa, total, porque eu fico vendo os meus amigos assim que estudaram aqui, puta, pô, a Débora é atriz. Né? A... Quem mais? Essa menina que eu falei, a Luciana Santos Sousa, cantora. O Dudu, produtor musical, pianista, tudo. O Daniel Zafran é músico. A Lilian, né, ela é uma pessoa que tá aqui, que faz essas coisas, né, sempre uma coisa ligada a humanas assim, né, uma coisa... Então acho que a maioria foi por aí, entendeu? E... As que eu tô lembrando agora assim, né? Mas eu, pô, é impressionante assim. A maioria foi... Que eu lembre assim, né? Uma namoradinha que eu tive aqui, depois a gente namorou na época do Sagarana, que era Ane Graber. A Ane também era uma das meninas das artes plásticas assim. Sabe? Super talentosa, super bacana os trabalhos dela. A Sandrinha do (inint) [00:32:47] que ela virou arquiteta, mas ela gostava de música, ela cantava em coral, estudou violão e depois... Depois entrou na arquitetura, foi trabalhar com isso, daí encheu o saco e negócio dela é... Ela é monja budista e é isso aí. Né? Então saiu essa galera, né? O Breno Altman, jornalista. O Fábio eu encontrei com ele aí outro dia, foi... Ele foi numa festa da escola do meu filho. Inclusive essa matéria que você leu do... Da minha mãe, que você falou que leu, né? Eu não mais notícias do Fábio, e esse cara, que é pai de aluno lá da minha classe, né, dos meus filhos, né, que é jornalista, ele falou que tinha... Descobriu que o Breno Altman... Que os Altmans lá tinham estudado comigo e tal, quando ele foi na escola assistir à peça de teatro lá que eles fizeram no oitavo ano, falou "Breno, sabe quem tá aqui? O Fábio". Puta, reencontrei o Fábio assim que não via... Ô, cara, não sei o que... Com filho também, né? Então... Que é jornalista também, né? É tudo por aí, gente. Muito doida essas pessoas.

[00:34:03] Orador A: E essa transição do Scholem pra escola da Bela Vista, quais as diferenças assim que você consegue lembrar que teve?

[00:34:09] Orador B: Ah, cara, é total assim. Assim, fui pra uma escola de freira, pra você ter uma...

(risos)

[00:34:17] Orador B: E não é porque era escola de freira não, é porque é a escola onde meus

amigos estudavam. Eu quero ir praquela escola, entendeu? Era, assim, ia a pé pra escola, assim (inint) [00:34:25] que tá na escola. Então tinha ensino religioso, mas, putz, eu nem batizado eu era, entendeu? Sou pagão total. Nem batizado, e a escola tinha uma coisa. Eu ia, mas não tava nem aí. O meu interesse era os meus amigos. Os meus amigos e as meninas ali, era o que eu interessava. E a escola eu fui levan... Só que uma coisa que eu percebi, que foi... Isso aí é muito legal. Eu nunca estudei na escola assim, nunca precisei estudar assim. Eu acho que o Scholem tinha coisa de... Isso eu acho importante, cara, que é uma coisa que tem muito na Waldorf, assim, a coisa de você... Gente, pra vocês terem uma ideia, eu entrei em quatro faculdades. Eu nunca fiz cursinho. E faculdade pública. Não é porque eu sou ó, gen... Não. Claro que eu entrei em coisas que eu tinha muita... Pra música. Eu já estudava, eu já era violonista, já tocava bem. Então isso teve um peso muito grande na prova, tal. Mesmo na... Quando eu fui estudar arquitetura, eu já... Eu conhecia desenho, já... Por causa dos meus pais, eu frequentava o escritório, estava sempre lá. Então era uma coisa muito familiar pra mim. Mas, assim, eu nunca, sabe, eu nunca precisei estudar física, química, biologia, fazer um cursinho pra isso, entendeu? E eu sei que essa base foi no Scholem. A base que eu digo de como você aprende a coisa, entendeu? Aquela coisa de não... Não é o decoreba. É como você absorve. Então quando eu entrei nessa escola de freira, eu vinha uns amigos estudando pra prova, era aquela coisa desesperada, né? Eu prestava atenção na aula, chegava na hora, eu... A coisa vinha. E nos vestibulares foi assim também. Falei gen... Aí eu sempre lembrava, falei "puta, isso é o Scholem, é o jeito de..." E meu filho é igual, porque a escola Waldorf ela é muito parecida nesse sentido. Faz o cara pensar nas coisas, né, no... Então... E tem muita crítica com esse tipo de escola, né, ah, porque escola que não vai formar o cara, porque é uma bolha, né? Porcaria nenhuma, sabe? São escolas que fazem as pessoas pensarem, sabe, as pessoas terem pensamento crítico. Enfim, sabe? Por aí vai. Aí o cara ele consegue funcionar de um outro jeito, né, que não é o jeito que é o mais aí que a gente vê hoje em dia, né? As pessoas... Assim, o Sagarana era muito legal, porque o Sagarana foram... Os mesmos diretores do Scholem foram pro Sagarana. Era o Odênis e a Valquíria, né? Então, assim, sempre tinha aquela coisa assim da... Da... Não é você dá informação, mas você dá formação. Né? Até porque hoje informação, gente, hoje é ridículo, né? Você vai ali, tá ali, né? Tem um amigo meu que é professor lá da USP da veterinária. Fred, ele falou "pô, Breno, hoje é muito doido. Se eu tô dando aula, qualquer coisa que eu falo, todos os alunos já vão ver se o que eu tô falando bate, entendeu?" Então informação hoje não é o problema. Né? O problema hoje é formação mesmo, né? E acho que essa escola e... Ela deu... E olha que eu estudei pouco, se você for pensar, né? Mas eu sinto

total... E minhas irmãs é mesma coisa. Também elas... Ah, é porque elas resolveram fazer... Também entraram na faculdade tranquilamente assim, porque acho que tem a ver com esse tipo de jeito de você... Tem a ver com esse tipo de formação, né, que esse tipo de escola dá, né? E é isso.

[00:38:19] Orador A: E a gente separou algumas fotos aqui.

[00:38:21] Orador B: Oba. (risos)

[00:38:22] Orador A: Eu queria ver se... Deixa eu... Se é você nas fotos.

[00:38:25] Orador B: Ai, gente, que legal.

[00:38:27] Orador A: Essa (inint) [00:38:27]

[00:38:31] Orador B: Gente, vocês não sabem. Eu estava falando com ele, quando eu entrei aqui, gente, (inint) [00:38:33] vocês não têm ideia (inint) [00:38:35]

[00:38:36] Orador A: Conta pra ela da escada da...

[00:38:38] Orador B: Ah, a hora que eu vi a escadaria assim, eu fico lembrando, a gente ficava sentado na escala ali, né, esperando perua, esperando o pai chegar, tal, e tinha o velhinho que ficava ali com o cestão vendendo os (inint) [00:38:50] Tinha o do (inint) [00:38:54] e tinha o que vendia machadinha. Vocês chegaram a comer isso aqui? Machadinha era um doce, tipo um puxa-puxa assim. Ele era branco e rosa misturado assim. Aí ele chegava assim "ah, eu quero um pouquinho" (inint) [00:39:06] batia na hora assim. É tipo um torrone duro assim.

[00:39:09] Orador C: De morder e mastigar?

[00:39:11] Orador B: De morder e mastigar. Tinha uma balinha. Ele vinha amolecendo, começava a ficar assim. Era maravilhoso. Ah, gente.

(inint) [00:39:21]

[00:39:25] Orador B: Vou fotografar tudo isso. Tudo, não.

[00:39:27] Orador A: Não. Fica à vontade que... A gente pode (inint) [00:39:36]

[00:39:36] Orador B: Ah, gente. Sou eu.

[00:39:38] Orador C: É?

(risos)

[00:39:43] Orador B: Gente do céu, que legal. Esse aqui acho que é o Marcelo. Ai, gente, vocês não têm ideia do que é isso. Então ó, quer ver? Tinha um canteiro, não sei se ficava aqui ou pra cá, um canteirinho. Eu... Gente, que coisa maravilhosa. Minha mãe vai ter um treco quando ver isso aqui. De shortinho, que legal.

[00:40:34] Orador A: Você consegue reconhecer mais alguém? Marcelo...

[00:40:37] Orador B: Eu tô vendo a Leda aqui também. Eu não o sobrenome dela. Acho que esse aqui é o Marcelo Lepstein. Quase certeza que é ele. Essa aqui não lembro se é a Leda, eu não lembro quem é. São carinhas muito novinhas. Que legal. Tem mais?

[00:40:58] Orador A: Tem.

(inint) [00:41:13]

[00:41:22] Orador A: (inint) [00:41:21]

[00:41:24] Orador B: Ah, (inint) [00:41:25] lembro disso.

[00:41:26] Orador A: O que que era a (inint) [00:41:28]

[00:41:29] Orador B: (inint) [00:41:29] era as coisas de que tinha de atletismo, né? Isso aí. Porque era numa cab, né?

[00:41:41] Orador A: Ah, deixa eu ver. Tá no outro. (inint) [00:42:06]

[00:42:10] Orador C: Então já de cara já identificamos...

[00:42:12] Orador A: É uma já.

[00:42:14] Orador B: Ah, uma, com certeza. Ah, essa é clássica. Essa eu tenho. (risos) Ver se eu consigo lembrar aqui das pessoas. Deixa eu ver. Esse aqui é o Persio, se eu não me engano. Essa é a Karen ou é a Lilian. Deixa eu ver.

[00:42:33] Orador A: A Lilian é...

[00:42:34] Orador B: A Lilian tá aqui?

[00:42:34] Orador A: Não. A Lilian não tá nessa foto.

[00:42:36] Orador B: Não tá. Então essa aqui é a Karen, se eu não me engano, o Persio. Acho que esse aqui é o Persio, eu lembro que ele usava óculos.

[00:42:54] Orador C: É engraçado que só você tá olhando pra foto, né?

[00:42:56] Orador A: Não. E na outra também, na hora ele tá diferente de todo mundo na foto.

[00:43:10] Orador B: Eu não lembro direito.

[00:43:13] Orador A: E a aula de música.

[00:43:14] Orador B: Aula de música com a dona Aline. Dona Aline. Ótimo. Isso, essa também eu lembro.

[00:43:36] Orador C: De novo, olhando.

[00:43:37] Orador B: É, com a língua de fora. Ó o Marcelo aqui. Lembro do Marcelo, a gente sentava junto. O Marcelo era nervoso, gente. Ele ficava, nossa, ele era tão... De roer a unha (inint) [00:43:59] Não sei o que que rolava na casa dele, mas ele era todo... Eu lembro dessa figura aqui, eu não lembro o nome. Lembro dela. E não lembro se era Karen. Achava ela bonita essa menina. Será que é o Dudu? Será que é o Dudu? Não lembro. Não sei se é esse não. Acho que não. Ai, gente, que bacana.

[00:44:46] Orador A: Se você quiser dar uma olhada geral nas fotos (inint) [00:44:48]

[00:44:51] Orador B: Tem foto do Odênis aí?

[00:44:55] Orador A: Não sei te... Aqui é mais um processo de comemoração mesmo (inint)

[00:45:01] pegar as fotos da escola.

[00:45:08] Orador B: Teve um encontro aqui que eu vim com os meus filhos na época, que tavam... E eu acabei não ficando. Eles eram muito pequenininhos.

[00:45:19] Orador A: Em 2008?

[00:45:22] Orador B: Acho que sim.

[00:45:23] Orador A: Ah, é.

[00:45:24] Orador B: Acho que sim. Teve umas palestras. Eles tavam querendo que a gente... Enfim, a gente podia dar um depoimento, se quisesse e tal. Tá vendo? Sempre tem música, né?

[00:45:59] Orador C: Uhum.

[00:45:59] Orador B: É incrível. Agora os meus pais, com relação a escola, eles eram muito ausentes assim, porque eles trabalhavam demais. Tem o escritório, então essas coisas reunião de classe, muito difícil vir, sabe? Ficava triste com isso. Pô, os meus pais dos meus amigos foram, vocês não foram. Mas realmente eles não... Eles não tinham tempo.

[00:46:28] Orador C: E eles não participavam de nenhuma vida comunitária com outros pais?

[00:46:31] Orador B: Nada, nada, nada, nada, nada. Nada. Porque eles tinham... Era uma coisa muito doida. Eles trabalhavam demais assim. Tem o escritório de arquitetura e aquela luta assim. Autônomos, né, então... Não tinha emprego, né, então é sempre ali... Tinha a escola que eles davam aula, tal, né, mas era... Eles davam aula até muito tarde, depois aí ia ter... Não davam aula todos os dias, mas aí tinha o escritório, depois, sei lá... Tem um cara que é importante aí, um fotógrafo que foi aluno do meu pai, ele fala do meu pai até hoje, aquele (inint) [00:47:13] Orador B: Gal Oppido, sabe? O fotógrafo?

[00:47:16] Orador C: Como é o nome dele?

[00:47:18] Orador B: Gal, g-a-l, né, e Oppido é o, p, dois ps. Se você procurar, você vai ver. O Gal é um cara que eu tenho contato até hoje e ele fez muito... Fiz muito trabalho com ele já, assim, né? De capa de disco, de... Eu tive dois trabalhos que ele... Os dois trabalhos ele fez... Ele que fez o logo do... Eu tive um quarteto, na época, o logo era dele. E agora eu tenho um trio que o logo é dele também. É o nome do trio ele que deu, foi superengraçado (inint)

[00:48:19] Era um trio... Eu montei um trio de violões e a gente queria... Queria fazer umas fotos, né, pra trabalho, essas coisas, né? Ele "qual que é o nome do trio?" Eu falei "ah, Gal, não tem nome nenhum ainda. A gente tá aqui começando e tal." Isso faz uns quatro anos atrás, né? "Ah, legal, então vamos formar aqui, tal, né. Aí ele começou a falar sobre as luzes que ele tava usando na iluminação dentro do estúdio, tal, né. Ele falou "eu vou botar uma luz que chama luz elipsoidal; é uma luz que..." Até tem uma história bonita, que é uma luz que une as outras luzes,

que cria uma unidade, não sei o quê, tal, né? Ele falou "cara, por que você não põe o nome de Trio Elipsoidal?" Ah, sei lá, né? Vamos pensar, né? Cara, foi legal, aí ficou Trio Elipsoidal. E aí foi tão legal que aí ele já falou "então..." Ele já fez o logo. Assim (inint) [00:49:18] Foi uma coisa doida assim, cara.

[00:49:24] Orador A: Assim, só (inint) [00:49:26] nesse ponto.

[00:49:26] Orador C: Eu também tenho umas perguntas.

[00:49:28] Orador A: Sim.

[00:49:28] Orador B: Ah, pode fazer.

[00:49:29] Orador A: À vontade, (inint) [00:49:30]

[00:49:31] Orador C: Não, quer terminar?

[00:49:32] Orador A: Não. Pode fazer.

[00:49:32] Orador C: Não. Eu queria voltar uma... Essa ideia do Scholem que você trouxe de que tinha ali um grupo de alunos não judeus, né?

[00:49:40] Orador B: Ahã.

[00:49:40] Orador C: E aí bem no que o Jean falou de uma conversa psicanalítica, fiquei pensando você, Breno, lá na infância, como que você identifica ou como que dava para saber quem era judeu e quem não era ou como que essa distinção acontecia assim pra saber quem era judeu e não.

[00:50:00] Orador B: Olha, que interessante, eu nunca pensei nisso. Eu acho... Acho que tinha um pouco a ver com as conversas, porque os meninos tinham muita essa coisa... Tinha as... Duas coisas principais pra eles, que era o Bar Mitzvá e ir pra Israel. Eles falavam muito disso. Ah, então ano que vem eu vou... Meu Bar Mitzvá vai ser não sei como (inint) [00:50:32] tô preparando. E esses outros alunos não falavam. Não tinha essa coisa. E eu frequentava muito a casa das pessoas, né? E eu sin... E quando você vai na casa das pessoas, você percebe, né? Você percebe... Você percebe pela... Assim, você tem uma coisa de livros que você vê. Né? Você tem a (inint) [00:51:02] né? Como é que chama? A que fica na porta. Né?

[00:51:05] Orador C: Uhum.

[00:51:06] Orador B: Você já via na porta. Né? E os outros... O que não era, não tinha, né? Então você tinha uma coisa já que você percebia. E tinha uma coisa da aparência também, né? O pessoal era mais branquinho, mais loirinho, mais assim, né, tinha uma coisa mais assim... Né? Então tinha um pouco de cada coisa assim que você olhava... Mas você não tinha essa coisa assim, eu não tinha essa coisa "ah, esse é judeu, esse não". Não tinha. Assim, era os amigos que a gente tinha. E aí você descobria que depois uns eram, os outros não eram, mas também isso não fazia a menor diferença. Né? Até porque a maioria era. Né? A maioria dos meus amigos, de namoradas, amigas, a maioria, né, eram judeus, né? É uma escola judaica, né? Então é mais natural.

[00:51:57] Orador C: E por que você nunca quis ir pra Israel?

[00:52:01] Orador B: Então, você sabe que... Eu não sei que eu... Não, primeiro que eu acho que não tinha... Eu acho que essa história também eu vejo pelo meu filho, né? Então meu filho, menino, né, então primeiro aquela história, vai fazer circuncisão, não vai? Né? E... Porque eu fiz, mas eu fiz não por uma questão religiosa. Tudo é uma questão (inint) [00:52:27] fazer. Né? E aí o me... O pediatra do meu filho, doutor Rubens, eu falei "Rubens, tá aquela pressão na família, né". Porque até tem um tempo pra você fazer aquilo de... Da forma tradicional, você não pode deixar passar muito tempo senão a criança sente dor. Quando é muito nenezinho, essa parte nervosa, né, essa coisa ela não tá formada ainda, né? Então tem uma dorzinha, mas é uma coisa... Então inclusive tem até um... Tem um tempo assim que até, sei lá, oito meses que tem que fazer. Aquela tensão, né? E esse pediatra que não é judeu, mas ele era árabe, mas adorava, né, adorava... Ele falou "Ah, Breno, eu, se fosse você, fazia. Fazia por... Não vou nem dizer (inint) [00:53:15] é uma questão médica mesmo. Sabe? Limpeza. Meus filhos não fizeram, então você fica aquela coisa, puxa pra baixo, não puxa pra lá, lavou ou não lavou. Então faz que é a melhor coisa." Cara, assim, o meu sogro não... Não tinha possibilidade de não fazer. Entendeu? Já, não, tem que fazer, óbvio. Beleza. Tanto que fez, foi lindo assim, foi muito... Eu tenho fotos dessa cerimônia. É linda. Foi muito legal. Inclusive esse cara que era o pediatra, que virou me compadre, né? Ele virou... Ele acompanhou lá o rabino fazendo, né? Ficou impressionado. Falou "cara, como... Que técnica que esses caras têm, né?" Pô, rapidinho assim, né? Ficou muito legal assim, né? Eu estava falando isso por causa de Israel, né? Foi isso.

[00:54:03] Orador C: É, porque você aprendeu iídiche, né?

[00:54:06] Orador B: É. Exatamente.

[00:54:06] Orador C: Hebraico.

[00:54:08] Orador B: E aí o que aconteceu? O que eu percebi, por exemplo, aí que chegou essa hora do... De fazer Bar Mitzvah. Vai fazer, não vai fazer, vai fazer, não vai fazer? Só que ele já era mais velho o Yuri, né? E ficou uma coisa meio aberta assim, porque o meu sogro já tinha falecido. Talvez ele pudesse ser o cara que ficasse mais ali tal... Né? Então vai fazer, não vai fazer? E aí ele co... Aí a minha mulher falou "ó, vamos fazer o seguinte, vamos... Vamos botar ele em contato com o rabino que vai preparar ele e tal, né". E ele começou a frequentar... Era um cara muito bacana. Né? Um cara muito aberto também, tal. Né? Foi fazendo todo um trabalho com o Yuri e tal, né? Eu senti que ele tava meio assim que... Aí... Ele tava começando a ficar angustiado com a história, né? Aí falei pra ele "filho, é o seguinte, eu acho que isso é uma coisa que você tem que fazer assim cara porque você quer fazer. Não é porque você é judeu ou porque não sei o quê, até porque o que eu..." Aí eu... Aí foi uma discussão que eu tive com a mãe dele. Eu falei "olha, o que eu acho é o seguinte, eles são judeus, mas, assim, a gente não criou como judeu". Porque na Waldorf ele tinha amigos que eram... Né? Judeus e... Mas ele já frequentava os clubes, eles... Né? Eles faziam toda aquela coisa que as crianças fazem, né? Então iam viajar juntos, iam... Tem uns encontros que eles fazem. Eu esqueci o nome (inint) [00:55:43] faz assim, né? Como é que chama? Enfim, é um encontro de jovens que eles vão assim, e ele nunca participou de nada disso. A gente não teve essa... A escola não é judaica. Né? Então tudo são coisas que você vai, a criança vai entrando no ambiente, no clima e você vai... E acho que aí essa coisa de Israel é coisa que já é meio... Já faz parte da história, né? Tanto que esses amigos dele que elas nem tão na escola mais, a maioria já foi. Já viajou, fez Bar Mitzvah, já (inint) [00:56:19]. E o Yuri ficou nessa aí, né, de não ir, né? E eu, como pai, eu também não sou judeu, né? Então eu sempre deixei, falei "olha, se quer ir, vai, tal". O que tá acontecendo engraçado é que agora ele quer ir. (risos) Ele tá a fim de ir. Aliás, ele ia agora no fim do ano, mas, por conta dessa coisa de pandemia, ainda não sei o quê, acabou não indo, né? Mas ele falou "eu vou pra Israel". E a minha ex-mulher tem monte de parente lá, né? Tem um monte, tem primos, tem tias, não sei o quê, tal, então... E eu acho que é legal, acho que isso vai ser superlegal pra ele. Acho que tem a ver, tem uma coisa da... Da... Que ele carrega dentro dele, né? Então, né, sabe, nasceu de um ventre judaico, então vai. Ele quer ir. Eu acho que é superlegal. Até porque esse Bar Mitzvah ele pode fazer agora se ele quiser também, entendeu? Não tem uma coisa assim, né? Mas eu quis deixar ele supertranquilo. Eu não quis, sabe, fazer...

Porque, assim, o que eu acabei acompanhando... Por exemplo, o primo da minha ex-mulher, por exemplo, tem dois filhos que fizeram tudo, tal. Puta, eu fui assistir assim, né? Pô, eu achei um horror. Assim, um horror, porque era um desrespeito total. A galera fazendo barulho, uma zona e a coisa acontecendo ali, uma coisa que é superbonita, que tem as rezas, que tem não sei o quê. Então era uma coisa assim faz porque faz, entendeu? Sabe? Então eu acho... Eu não acho isso legal também. Inclusive quando tinha um... As comemorações (inint) [00:58:06] enfim, todos aqueles jantares, aquelas coisas que têm, sempre foi uma coisa que eu não curti, porque era... Eu sentia que era uma coisa... As pessoas ficavam falando, as pessoas... Então, sabe, fazias rezas, fazia as coisas tudo meio assim ah, vai, faz, faz você, faz você, tal. Sabe? Então um negócio que você acaba falando "pô, sabe? Pô, tem um... Vamos respeitar, vamos fazer acre... Então brigavam na mesa, sabe? Os meninos brigando. E, sabe, é uma coisa assim que... Aí falava "nossa, pra ser assim, prefiro que não faça", sabe? Porque fica aquela coisa vamos fazer porque... Faz, tem que fazer, porque é a tradição, porque não sei o quê, não sei o quê, e aí aquele momento único assim que vai passar rapidinho, que você vai, né, não acontecer nada, sabe? A minha sogra se matava de... Na cozinha, né? Eu até ajudava ela pra fazer algumas coisas, porque eu cozinho também, eu gosto de cozinhar. E ninguém se interessava por nada. Então o pessoal acabava (inint) [00:59:14] eu compro aqui. Compro... Ela queria fazer, ela queria fazer todas as coisas e o pessoal não estava muito aí, entendeu? Ah, vamos fazer logo isso aí pra... Sabe? E aí você fala "pô, não vale, né, cara, aí não tem... Não tem... Pra mim, não tem sentido, né, fazer por fazer, né?" E então é isso, né? Eu não tenho assim... Eu ir pra Israel? Eu nunca pensei nisso, na verdade. (risos) Eu nunca pensei. Eu acho que deve ser muito interessante, né? Acho que deve ser uma viagem muito... (inint) [00:59:54] fazer uma viagem, né? Deve ser muito doido assim.

[00:59:58] Orador C: E o Breno criança tendo aula de ídiche, você consegue ter alguma memória sua do tipo... Né? É uma língua completamente diferente. Você consegue ter alguma lembrança de qual que era a relação com aquilo, o propósito, com...

[01:00:16] Orador B: Então, tem umas coisas que... Porque, assim, eu era muito... Muito criança. Então aquilo era assim fazia parte. Né? Não é uma coisa que caiu depois. Era criança, então todo mundo lia. Tinha aula de ídiche, vamos fazer aula de ídiche e tal, né? Então e era legal primeiro que era ao contrário, né? Já (inint) [01:00:34] (risos) Então você já... Né? Mas também era assim, era uma coisa normal também pra mim, né? Normal... Às vezes até confundia, quando ia pegar um livro novo assim normal, eu falava "não, é do outro lado, né?",

aquela coisa, né? E então era muito legal, porque era... O que era ruim é porque aquilo não tinha uma... Não tinha uma continuidade assim na minha casa, uma coisa que eu... Sabe? Eu ia usar, então era uma coisa que era muito restrito a escola mesmo, né? Era uma língua que eu estudava, tal, né? Eu lembro que o... Uma lembrança que eu tenho, depois que eu estudei ídiche, eu fui estudar hebraico, eu não gostei. Eu não gostei do hebraico. Eu achei assim... Eu gostava de ídiche. Quando eu fui estudar hebraico, eu já falei "ah, não, mas... O ídiche é tão mais legal". Sabe? Achava... Não sei por quê. Eu não lembro, mas lembro... Quando eu fui... Não sei se tinha a ver com a professora, coisa afetiva, sei lá, tal. Mas eu lembro que eu não gostei do hebraico assim. Eu falava "poxa..." Depois até... Eu lembro que eu até conversei com a minha ex-sogra assim, eu falei... Ela falou "é, mas é que o ídiche é mais legal mesmo". Eu lembro que ela falou uma coisa assim, né? E eu não lembro exatamente por que assim. Mas era... É como eu te disse, né, era uma coisa muito que fazia parte, né, da escola. Era como estudar matemática assim, né? Não tinha uma coisa ó, né? E até porque todo mundo fazia, então eu fazia também. Né? Mais tarde que eu fui percebendo assim que aquilo ali realmente era uma coisa pra mim que não... Quando começou essa história das viagens de Israel, de não sei o quê, né, aí eu comecei nesse... Talvez também tenha um pouco disso. Eu comecei a me sentir meio fora do contexto assim, né? Acabei me sentindo meio fora. Aí tá... E aí assim acabei mudando de escola também, né? Teve um peso isso aí, eu acho, né? Que você não... Eu até fui. Eu lembro que eu ia com alguns amigos meus. A gente... Chegava a ir nos clubes assim e tal. A família me convidava "não, vamos lá, você vai gostar". Eu ia, tal, mas eu me sentia bem peixe fora d'água assim. Eu lembro, porque eu não tinha minha família ali, né? Eu era amigo do amigo. Né? Era diferente. Eu me sentia diferente ali. Né? Porque era um outro ambiente mesmo. Eu me sentia bem diferente ali. Às vezes até não muito à vontade assim, sabe? Mas, assim, não era ruim, mas também não era uma coisa que ó, não... Porque tinha uma coisa assim, né, tinha uma coisa meio de olhar diferente, né? Ser diferente ali, né? Eu sentia um pouco isso. Nos clubes, principalmente, né?

[01:03:36] Orador A: E tinha algo assim ou era só o próprio ambiente que causava isso?

[01:03:41] Orador B: Eu sentia uma coisa de clima mesmo, mas eu sentia um pouco assim... Às vezes, tinha uns comentários. Né? Assim, tipo... Não lembro exatamente, mas tinha umas coisas meio racistas assim de leve assim, sabe? Né? Mas, assim, eu acho que eu tive uma boa educação nesse sentido, né? Meu pai era um cara que ele soube... Que meu pai é um cara... Puta, você pensar na história do meu pai, por exemplo. Foi um cara que ele veio do Rio Grande

do Sul, negro, chegou aqui com trinta e... Com 30 anos, com a malinha nas... Com a coisinha na mão assim, né? Desquitado. Deixou duas filhas lá e veio pra São Paulo pra... O meu... O pai dele, meu avô, tinha uma serralheria grande lá em... No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Era uma serralheria tão grande que... Por exemplo, fizeram um supermercado assim. Uma serralheria bem... Mas meu pai não queria aquilo. Então foi um cara que largou aquela ambiente do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, e veio pra São Paulo pra... Pra, sei lá, vencer na vida, sei lá o que que... Enfim, foi atrás da história dele, né? Então meu pai é um cara que enfren... Ele enfrentou muito racismo assim. Meu pai teve momentos assim, eu lembro, que ele ia, por exemplo, tava tocando uma obra, alguma coisa num prédio ou, sei lá, uma construção, não sei o quê, ele tinha uma amiga que às vezes ia com ele, que era arquiteta também, porque às vezes chegava na obra, as pessoas não respeitavam ele, porque ele era negro. Entendeu? Então, mas ele é o arquiteto, ele que tá fazendo, "nananã, nananã..." Então tinha umas coisas assim que ele teve que romper com muita coisa assim, né? Pra ele... Pra ser um cara que ele foi, né? Meu pai tinha dois cursos superiores, um cara que... Ele foi... A gente nunca foi rico, mas meu pai foi um cara muito bem sucedido naquilo que ele... Ele nunca foi também um cara atrás de dinheiro, né? A história dele era o... Era o conhecimento, o estudo. Ele foi notório saber. Né? Teve esses títulos aí. Um cara muito bacana assim, né? Então ele... Então, nesse sentido, ele foi muito... Ele foi um vencedor mesmo. Então ele teve que lidar muito com isso, e ele passou muito isso pra gente. Essa coisa de você ter orgulho, de você não se sentir menor, você não... Né? E agora... Agora, eu sinto que eu sou uma pessoa que, dentro da família, porque, assim, eu era ti... Eu tinha uma coisa... Assim, eu era... A minha fi... A minha mãe, por exemplo, ela foi filha temporona. Então a diferença dela pro meu tio é de 12 anos. Então, quando eu nasci, eu era... Eu era... Tinha muita preocupação como é que eu ia ser. Mas se nascer escurinho? Se nascer não sei o quê? Porque meu... Imagina, a minha avó ela era de 1898. A minha avó tinha escravo alforriado na fazenda. O meu avô também. Era de mil novecen... Ele era dois anos de diferença de idade, né? Ele é de mil novecentos e... É racista mesmo, entendeu? Se você ver as fotos, aquelas fotos antigas. É uma coisa... Mas quando eu nasci, foi um negócio assim, tipo, meio acabou com isso aí, né? Então eu era o neto mais querido deles, porque era o neto da filha une... A filhinha deles, não sei o quê, tal. Então eu tenho três primos, por exemplo, né, por parte de... Da minha mãe, do meu tio, tal, que, claro, são queridos, tal, mas eu lembro... Eu era o xodozinho, entendeu? Então eu me sentia muito protegido também, né? Porque o... A parte branca da família, digamos assim, né, que eu herdei, era muito... Me protegia muito também. Entendeu? Então eu sempre fui uma pessoa que eu circulei muito tranquilo assim, né, por esses

lados todos assim, né? Tanto pra lá quanto pra cá. Né?

[01:08:12] Orador C: E você falou que seus pais não frequentavam esses clubes. Onde vocês... Você e sua família iam pra além desse circuito do Scholem, da escola? Que outras comunidades, lugares vocês...

[01:08:25] Orador B: É, então, por exemplo, a gente... O meu pai uma época foi uma coisa muito legal. O meu pai a gente resolveu... A gente era sócio da ACM, por exemplo. Então frequentava... Frequentei a ACM um tempão. Meus pais iam só à noite, né? Mas eu lembro que eu saía da escola, eu já ia pra lá, meus amigos tavam lá, ia jogar pingue-pongue, nadava o dia inteiro e... Foi uma época ótima assim, porque eu me desenvolvi assim fisicamente assim, né? Eu era mais magrinho e tal. Então eu comecei a nadar, e eu era... Nadava bem, competia lá na ACM e tal. Então foi uma época que eu... Né? Muito saudável assim na minha época, né? Mas os meus pais o que eles gostavam era de viajar. Então a gente além das viagens que a gente fazia pro Sul pra visitar a família do meu pai, né, por parte de pai... Não foram tantas viagens, mas meus pais eram... Eles gostavam muito de ir pra Parati, por exemplo. Então eu conheci... Eu conheço Parati desde 69. A primeira vez que eu fui pra Parati eu tinha 6 anos, em 69. Não tinha nem estrada pra ir pra lá. Né? Então Parati foi um lugar que foi muito... Que a gente frequentou muito assim. E numa época muito legal de Parati, porque não tinha... Assim era uma cidade de pescador. Eu lembro que poucas pessoas tinham casa lá e quem tinha casa lá era casa de pescador, não tinha uma coisa ah, vou cons... O... Aquele arquiteto Rui Otacke, por exemplo, que era amigo do meu pai, ele tinha uma casa lá, mas era de pescador. Às vezes a gente ficava lá na casa dele. Ele emprestava a casa, ficava lá, tal, né? E... Mas eram momentos maravilhosos assim, né? Nessas viagens que a gente fazia pra Parati era incrível. E a gente também tinha... Eles tinham... A sócia do meu pai e da minha mãe, eles tinham um sítio também em Mariporã, a gente ia muito pro sítio. Quase todo fim de semana, a gente ia pro sítio. E a gente acabou frequentando uma época também assim Guarujá, porque meu tio tinha uma casa no Guarujá. Então quando ele não ia, a gente ia. Mas era muito pouco assim. A gente não gostava muito de Guarujá, era uma coisa meio assim... Parati era demais, cara. A gente chegava lá, cara, assim, a minha mãe era amiga dos pescadores. A gente entrava num barco assim, cara. Chamava baleeira, era um barco maior assim. O pescador era... Ele fazia pesca submarina com arpão. A gente ia pra uma ilha que tinha lá próxima, que era Ilha da Sapeca, que hoje tá um horror. Peguei aquela... A ilha era um lugar maravilhoso. A gente ia pra... Com essa... Com esse barquinho, ele parava num momento, ele parava, jogava âncora, ele mergulhava, cara, ele

trazia assim meia dúzia de robalos assim desse tamanho assim, enormes, lindos. Trazia lagosta. Ele pes... Na hora assim, no arpão, e a gente botava isso no barco e ia pra ilha. Chegava na ilha, fazia lá as coisas na ilha. Às vezes ficava um pouquinho na ilha e voltava e jantava ou almoçava em Parati, no restaurante do cara que conhecia, que preparava as coisas, não sei o quê. Cara, eu tive uma infância assim... Eu não posso reclamar de nada, gente. Eu sempre falo pro meu... Eu tive infância maravilhosa, adolescência, devia ser todos assim... Eu sou uma pessoa feliz assim. Não tive... Nossa... Então eu... Na minha família eu lembro muito disso, lembro das viagens assim que era muito legais assim. E outra coisa que era muito legal, é que meu pai adorava comer bem. Assim, meu pai acho que ele nunca acumulou dinheiro, porque ele usava o dinheiro dele pra comer bem. Então era, assim, a gente frequentava restaurante bom. Né? E ele não poupava grana assim. Ele... Então ele tinha uns três, quatro restaurantes que ele gostava muito e que a gente assim ia muito comer nesses lugares assim. Muito. Minha mãe não tinha tempo de cozinhar. Ela sempre trabalhando e é muito intelectual e... Não era dona de casa. Não foi criada como... Pra ser dona de casa pela minha avó. Minha avó não tinha nem chegado perto da cozinha. Então era uma pessoa do intelecto total. Então a gente comia fora assim... Comer em restaurante assim era a coisa mais normal do mundo. E meu pai adorava. Principalmente quando ele tinha muito trabalho, trabalhava, não sei o quê, uma hora ele chegava pro pessoal do escritório "gente, vamos sair pra jan... Pra almo... Pra jantar." Saía e, puta, aí era uma delícia assim. Eu ficava feliz por eles assim. Quer dizer, eu não ia, né, muito... Era muito tarde, às vezes, né, mas eu lembro que era muito gostoso assim ver o casal assim, os amigos, né? Era uma coisa muito prazerosa pra mim assim, né? Então tinha essa coisa com a comida, com as viagens. Né? As reuniões que tinham em casa assim. Meu pai gostava muito de receber. Então sempre tinha muita gente em casa, tinha muito artista plástico em casa. Né? Era um ambiente muito legal assim nesse sentido, né? Muitos caras le... Importantes assim, né, das artes plásticas, principalmente, né? Então era muito... Era muito gostoso, assim. Muito... Muito legal.

[01:13:32] Orador A: E, assim, você olhar agora e fazer uma retrospectiva do Breno hoje pra esse Breno de 63, 66, vindo pra cá, assim, como seria essa conversa?

[01:13:44] Orador B: Vindo pra cá pra essa...

[01:13:46] Orador A: É, você conversando com aquele Breno, o que ele tá fazendo, aproveitando.

[01:13:51] Orador B: Cara, é o que eu falei pra você, quando eu cheguei aqui, quando eu olhei

aqui, cara, eu falei "gente do céu assim", foi muito legal, muito gostoso assim, sabe? Porque me veio todas essas lembranças todas que a gente tá falando aqui, né? E de como foi bom, sabe, como foi legal, assim, como fui uma pessoa privilegiada assim, né? Poder tá numa escola como essa aqui, que era uma escola que era muito diferente das outras escolas, né? Muito... O Scholem era realmente um negócio muito diferente. E depois pela própria trajetória de vida mesmo, né? O Sagarana depois ficou muito legal também, porque foi uma escola que... Que, como eu disse, né, era uma exten... Tinha uma equipe também, né, que era... Eu tive muitas pessoas que foram pro Equipe também, mas o... Tinha o Sagarana também. E o Sagarana era também, era um negócio, puta, do outro planeta assim, né? Foi um... Foi um momento da minha vida assim totalmente transformador assim. Aconteceram... Geralmente o que acontece na época de faculdade com as pessoas pra mim aconteceu no colegial. Foi antes assim, né? As viagens que... As viagens legais que eu fiz com os amigos foi tudo essa época, 16, 17 anos, assim. Pegava e ia, pô, a gente ia até Boiçucanga assim, sabe? Pegava o ônibus com os amigos, a gente ia embora, não queria nem saber. Meus pais... Eu fui criado solto total assim. Então viajava e meus amigos assim. E o Sagarana, como é uma escola que as pessoas tinham muita grana, né, então eu tinha acesso a coisas muito legais assim, né? Então esse pessoal tinha casa, casas incríveis nos lugares mais doidos possíveis. E eu, né, então eu frequentava esse ambiente assim e... Então era muito bom, né? Viajava. Viajei, fiz muitas viagens legais com os amigos nessa época assim, né? Era muito gostoso assim, muita mordomia e... Né? E foi assim, né?

[01:16:05] Orador A: E aí você falando isso assim de privilégio, mordomia, e é interessante pensar que muito legal você ter tido essa oportunidade, mas você vê como homem preto que isso às vezes não é nem direito. A gente não consegue nem ter o direito pra comunidade preta. E você consegue fazer essa reflexão como isso foi diferente, como isso foi bom e como isso é ruim num país de racismo estrutural?

[01:16:26] Orador B: É, então, isso é um negocial, gente, que eu sinto assim, por exemplo, que as minhas irmãs souberam muito mais do que eu nesse sentido, até porque teve... Teve essa ruptura assim, né, com a mãe biológica delas, digamos assim, né? De repente elas foram... Elas vieram... Por exemplo, a Je, a minha irmã, ela veio pra São Paulo com seis anos e a minha outra irmã veio com três. Né? Com uma mãe branca. Né? Então foi um choque pra elas assim, né? E o... Tanto que essa minha irmã do meio ela é uma pessoa que até hoje ela tem problemas assim. Meu pai sempre cuidou delas, sempre... Ela foi, sabe, pra psicólogo, pra não sei o quê, mas você vê que é uma coisa que não teve muito jeito. Eu já nasci nesse ambiente, entendeu? Então

pra mim foi muito mais fácil. Minha mãe era minha mãe, meu pai é meu pai. Não era uma mãe que eu tive que adotar, sei lá, né? Como eu já te falei, tinha esse outro lado da família que me aceitava, né, que era o xodozinho. Né? Então... Assim, foi muito mais fácil pra mim, nesse sentido, né? Então, assim, até os ambientes assim, frequentar os ambientes, ir num restaurante, ir num lugar, ir fazer não sei o quê, sabe? Foi uma coisa... Era muito fácil pra mim. Assim, não era um... Eu nunca tive esse problema, entendeu? Assim, de putz eu tô aqui, como é que vai ser, tal, né? Então é por isso que eu acho que, assim, um privilégio mesmo assim, né? Então essa coisa... O meu pai tinha muito mais essa coisa da negritude assim, né, de... Então meu pai, assim, ele tinha alguns amigos que eram desse movimento mais assim radical, né, que até o fato da minha mãe ser branca, de ele ser casado com uma branca era um... Era meio um problema, entendeu? Meu pai falava "gente, eu sou casado, então..." Que os caras pegavam meio pesado assim, né? Eu tinha uma galera, tinha uns intelectuais assim, digamos, da comunidade negra que era muito preconceituosos também. Né? E eu não lembro o nome das pessoas. Se falar com a minha mãe, ela vai lembrar de todas assim, mas era... Também tinha esse lado também complicado, né? Esse racismo...

[01:18:57] Orador A: E você acha que era um racismo ou era... Um preconceito ou um mecanismo de defesa?

[01:19:05] Orador B: Eu acho que era uma coisa que, assim, uma coisa que... Eu acho que é meio ligado essas coisas, né? Porque você pega, por exemplo, né, vai pros Estados Unidos, por exemplo. A comunidade negra lá se ferraram tanto ali, né, então hoje você pega... Os negros que tem destaque... Não tô dizendo agora, mas, assim, muito advogado, tem muito juiz, tem muito não sei o quê, que eles foram pra poder ter voz ali, né, pra essas pessoas, né? Então tem uma coisa meio... Existe um embate que é um pouco mais tête-à-tête ali. Entendeu? Então eu acho que essas... Essa galera do Brasil que conseguiu ter mais acesso à educação e que também tem muito advogado. Eu tenho muito amigo meu da época do Bixiga negros assim, né... Mas meus amigos no Bixiga eram negros. Ou eram aqueles italianos, não é? A... Muitos viraram advogados. Né? E eu acho que tem uma coisa... É uma coisa de... Meio de defesa mesmo, assim, também. Então vamos brigar de... Mais de igual pra igual assim, né? Então nós temos as leis, nós sabemos as leis, nós temos... Né? E tinha assim, né, por exemplo, esse... A Bela Vista era um bairro, é um bairro assim, pelo menos, na época era um bairro assim muito doido, porque convivia... É uma coisa que o meu pai falava muito, né? Ah, o Bixiga é o bairro italiano. Eu falava "não, o Bixiga é o bairro negro. Ele não é um bairro italiano". Bairro italiano é Mooca

lá. É um bairro de negro. E ele tinha razão. Claro que tinha... Tem uma comunidade italiana ali forte e tal, né, mas tinha uma comunidade negra... Bom, vai ali, né? E a maioria dos meus amigos... Né? Então eu acho que a Bela Vista era um lugar muito legal assim, nesse sentido, porque as pessoas conviviam... Então você tinha aquele italianão, família de italiano mesmo, imigrante que foi ali e que não sei o quê. Você tinha os negão, que era do samba, que era não sei o quê, que era pessoa não sei o quê. Aí você tinha aquela galera que não era nem lá nem cá, né, não sei o quê. Então a gente convivia, os amigos todos ali tá todo mundo junto, entendeu? Então eu lembro assim que eu tinha... Os meus amigos de família exclusivamente negra assim, né, tinha uma coisa "ah, aquele... O branquinho ali, fala chama o branquinho", "ah, chama o neguinho", "ah, chama o alemão", "chama não sei o quê". E a coisa ia. Entendeu? Né? Eu acho que hoje em dia a coisa ficou de um jeito assim... Eu não sei bem como é que vai aconte... Como é que essa coisa vai... Vai... Tá de um outro jeito, eu não sei se é bom ou se é ruim, entendeu? E eu acho que se estende pra outras coisas também, né? Pra essa coisa do movimento LGBT, pra... Sabe? Tem várias coisas que eu acho que elas tão ainda muito, muito confusas assim, sabe? Então acho que hoje existe um certo não sei se é receio, mas hoje as pessoas tão muito assim, sabe, com um certo... Você vai falar algum... Eu tive um problema seriíssimo, por exemplo... Que eu considero sério, né? Fui organizar um festival de música com pessoal de Portugal. Então a gente... Era um festival, não. Era um concurso de música, né? Com prêmios e tudo, tal. Que era Brasil e Portugal, né? E eu fazendo a parte da organização, mas eu era mais voltado pra essa coisa de ser jurado, tal. E o cara que tava organizando, que é de Portugal, ele convidou pra banca, né, a banca são... Eram oito pessoas. Eu fazia parte dessa banca, julgador. Ele convidou duas mulheres pra fazer a parte da banca. E essas mulheres toparam. Chegou na última hora, elas "ah, não vai dar, tamos com um problema aqui, não sei o quê, não sei o quê". Ele convidou mais duas pessoas, tal, que não eram mulheres. Eu fui divulgar o curso... O concurso. Nossa. Colegas minhas assim que me conhecem, que sabem como é que eu sou, que eu não... Sabe? Não sou... Criaram o maior problema, "ah, mas é só homem". Eu falei "gente, pera aí. Pô, você tá falando isso pra mim, pô". Eu... Não é isso, sabe? Foi convidado mulher, mas elas porque não puderam ir. Entendeu? E não chamou outras porque não... O cara tava em Portugal, não deu tempo de chamar... Isso criou um problema assim, sabe? E as pessoas quase aca... E amigas assim, amigas minhas de faculdade, que me conhecem, que sabem como é que eu sou, como é que eu... O que que eu penso sobre essas coisas. Caíram de pau assim, sabe? Então, sabe, vai criando um negócio meio complicado assim, sabe? Meio que você fala "gente, e aí? como é que nós vamos fazer, porque..." Eu não tenho resposta pra isso, sabe? Eu acho

uma coisa difícil assim de lidar, sabe? E eu acho que com a questão racial ela é assim também, sabe? Tá um negócio meio nem lá nem cá. Tem um preconceito? Tem. Como você falou, tem um racismo estrutural aqui no país que é complicado, sabe? Porque... A abolição aqui no Brasil, foi o último lugar que foram abolir escravidão. Né? Só que a abolição aqui no Brasil ela foi ridícula, porque com... A abolição nos Estados Unidos, sabe, o cara... Mas ó, você vai ganhar uma terra aqui que você vai plantar o que você quiser. Aqui no Brasil, ó, você está... Não é mais escravo, beleza? Tanto que com a minha avó, os escravos que tinha na fazenda continuaram na fazenda. Porque o cara vem, tá, aboliu, vou fazer o quê? Vou trabalhar onde? Vou trabalhar aqui. Quer dizer, é um negócio complicado, porque não teve abolição nenhuma, entendeu? E a gente tem o... O nosso país até hoje ele vive nessa onda aí, né? É uma coisa mais ali de certa forma camuflada ali, mas continua, sabe? Continua essa história. E eu não como re... Não sei como... Onde vai parar isso aí, entendeu? Eu não sei o que que isso vai... O que que vai dar isso aí, né? E eu vejo o meu filho, né? O meu filho tem a pele clara, ele é branco assim, só que o cabelo dele é todo cacheadão e tal, né? E é judeu. Quer dizer, que rolo, né? Que loucura, né, cara? A minha filha que faleceu ela era loirinha. Pele clarinha, loirinha, puxou foi tudo pro lado da mãe. Ela é quase meio ruiva assim. (inint) [01:26:06] foto dela eu mostro pra você. Então o que você fala "gente..." E o mundo tá assim, né? O mundo você vê cada vez mais tá essa mistureba toda e as pessoas não... Não sei o que que vai dar isso aí. Muito doido. Ó, esse aqui é o dois, quando eles eram pequenininhos. O Yuri e a Yasmim.

(inint) [01:26:36]

[01:26:37] Orador B: É.

[01:26:39] Orador C: (inint) [01:26:39] mesmo.

[01:26:40] Orador B: É, se você vê (inint) [01:26:41] umas fotinhas lá.

[01:26:42] Orador C: Tem ele mais velho?

[01:26:44] Orador B: Tem. Tem. Olha aqui com o cachorrinho.

[01:26:52] Orador C: Ah, que linda.

[01:26:53] Orador A: (inint) [01:26:54] que linda.

[01:26:55] Orador B: É.

[01:26:56] Orador C: Linda.

[01:27:00] Orador B: É uma figura, né? Aí eu com os dois aqui ó. Quer ver a mãe? Aqui é a mãe deles. A gente morava aqui numa vila na Cardeal. Deixa eu ver se... O Yuri agora, né, como ele tá. O Yuri tá um meninão, grandão. Tá namorando agora.

[01:27:40] Orador C: 20 anos, né, você falou?

[01:27:42] Orador B: Tá com 18. Vai fazer 18 agora em setembro. Quer ver assim atual assim? Ó, ele com a namoradinha. (risos)

[01:27:53] Orador C: Bem "chovens".

(risos)

[01:27:54] Orador B: É. Exatamente. Essa namorada dele é uma figura.

[01:27:58] Orador C: Também é da Waldorf?

[01:28:00] Orador B: É. Ele tá no 12º, ela tá no... Tá no 10º agora. (inint) [01:28:08]

[01:28:12] Orador A: É isso. Aí é isso. Tem alguma coisa que você queria falar?

[01:28:15] Orador B: Ah, eu falei tanto, né? (risos)

[01:28:18] Orador C: Como foi falar tudo isso?

[01:28:19] Orador B: (inint) [01:28:20] Ah, é supergosto... Falar da gente mesmo, né? É bom, né, você fica ali, vai vindo umas coisas também, né? Mas tudo acho muito legal assim. Esse prédio... E esse prédio como é... Assim, quem que mantém aqui? Como é que é essa história?

[01:28:39] Orador C: É, continua sendo associação desde sempre...

[01:28:41] Orador B: Ahã.

[01:28:42] Orador C: ...que é esse Instituto Cultural Israelita Brasileiro. Ainda tem uma base associativa que ou são fundadores ou netos e filhos de fundadores que contribuem mensalmente para manter da forma como ele é, ou seja, não foi dado pra nenhuma empresa, não teve nenhuma concessão ainda. É uma associação, o que protege muito esse jeito da instituição de

ser, mas agora que tem uma equipe técnica, somos nós, a gente trabalha nesse lugar mais estrutural com outras pontes de renda. Então, lei de incentivo. A gente faz nossa programação cultural com Rouanet, com o ProACs.

[01:29:22] Orador B: Ah, que legal.

[01:29:22] Orador C: Então é um combo. A associação ela tá na base. Ela não é o suficiente pra manter o prédio. Então a equipe técnica trabalha pra conseguir gerações de rendas distintas. Então tem desde pessoas que apoiam, que é o Programa de Amigos.

[01:29:37] Orador B: Uhum.

[01:29:37] Orador C: São pessoas que reconhecem o valor do lugar, a missão, a história, essa ideia de ser um monumento antifascista e continua apoiando quase como uma mensalidade. Tem as leis de incentivo que garantem uma programação cultural. E a gente também trabalha com... A gente ganha muito edital, muito prêmio.

[01:29:57] Orador B: Ah, que maravilha.

[01:29:57] Orador C: Agora a gente tá com um fundo internacional pra fazer uma coisa no bairro. Mas tem essa... Muita gente vem e fala "ah, por que que não reforma?"

[01:30:05] Orador B: Ahã.

[01:30:05] Orador C: Porque também uma reforma geral implica em certas transformações do espaço, né?

[01:30:09] Orador B: Sim.

[01:30:09] Orador C: Aqui hoje em dia tem mais de 20 coletivos que usam o espaço. Todo mundo tem a chave. Então tem uma essência comunitária, mas que não é mais um centro judaico somente. É judaico, porque tá na missão, mas grande parte dos coletivos que usam a casa não tem nenhum vínculo direto a não ser a missão antifascista.

[01:30:31] Orador B: Ahã.

[01:30:32] Orador C: Então é isso assim. O pré... A casa ela meio que acompanha o presente assim de alunos com o bairro, com as comunidades do bairro. A gente tem coletivo de meninas

coreanas. Tem uma cooperativa de costura boliviana.

[01:30:46] Orador B: Que ótimo.

[01:30:47] Orador C: Tem associações de moradores do bairro que faz atividades aqui. Tinha um projeto de sabão com mulheres em situação de prostituição na Luz. Então é um espaço comunitário e cultural. É assim que a gente trabalha hoje, e aí tem um dos eixos muito forte ligado à memória, que é o Jean especificamente, que coordena essa parte, que a gente teve esse projeto de reativação da biblioteca, que ficou também muito parada por muito tempo. Teve uma grande revitalização, uma digitalização do acervo e a gente, nessa gestão de equipe técnica, tá aprendendo sobre o passado também do espaço ouvindo das pessoas, né?

[01:31:27] Orador B: Ah, que legal.

[01:31:29] Orador A: E é legal assim também esse (inint) [01:31:31] uma parte social e uma parte artística.

[01:31:33] Orador B: Ahãh.

[01:31:35] Orador A: A gente separa isso, porque pela lei do Rouanet tem que separar pra nossa organização do dia a dia trabalhar. Mas no... Na administração, a gente entende que é a mesma coisa.

[01:31:43] Orador B: Sim.

[01:31:43] Orador C: Que a cultura é...

[01:31:44] Orador B: Mas é mesmo.

[01:31:45] Orador C: ...é esse ponto comum.

[01:31:46] Orador B: Nessa coisa que você tá falando de reforma, eu acho que... Um espaço como esse é complicado porque isso aqui tinha que ser um... Um restauro, na verdade. Eu acho.

[01:31:55] Orador C: É.

[01:31:55] Orador B: Você tem muita memória aqui. Esses tacos aqui ó, isso aqui é um negócio que você não pode pegar e jo... Arrancar tudo e jogar um porcelanato, sabe? Não dá.

[01:32:03] Orador C: Que é o que muita gente faz, né?

[01:32:04] Orador B: Ah, claro. Tenha dó, né? Não, arranca e quebra tudo.

[01:32:09] Orador C: O lodo ali, né?

[01:32:10] Orador B: É, pelo amor de Deus.

[01:32:11] Orador A: A gente acha que esse prédio tá em pé no Bom Retiro, nesse lugar, já é uma...

[01:32:16] Orador B: É, exatamente.

[01:32:16] Orador C: Já é vitória.

[01:32:18] Orador B: Por isso que eu perguntei, falei "gente, como é que mantém isso aqui", porque...

[01:32:20] Orador A: É.

[01:32:21] Orador C: É.

[01:32:21] Orador B: ...realmente é um negócio... Porque a gen... Assim, eu que os... Né? Particpei disso aqui, desse espaço aqui, é muito... Essa... Você chegar e ver esse... Aquelas janelas assim, né? Aí você vê o ca... A escada. Você a... Vai fazer o que com essa escada? Você tem que restaurar essa escada. Se você for fazer alguma coisa, não dá pra pegar isso aí.

[01:32:41] Orador C: É, a gente tá no processo agora de tombamento da... Pedido de tombamento da fachada...

[01:32:44] Orador B: Tombamento. Ah, bárbaro isso.

[01:32:47] Orador C: Mas também tem implicações, porque você não pode... Tem uma questão de manutenção mais difícil, mas a gente também tá no processo de retomar o elevador...

[01:32:55] Orador B: Ahã.

[01:32:55] Orador C: Só que agora, pra adequar às novas leis, tem que mudar de lugar. Então são...

[01:32:59] Orador B: Esse elevador eu lembro. (risos)

[01:33:00] Orador C: ...várias complexidades.

[01:33:02] Orador A: Você... Funcionava?

[01:33:03] Orador B: Funcionava. Opa, (inint) [01:33:05] funcionava, era muito legal. Que bárbaro.

[01:33:10] Orador C: E aqui tem... Aqui nesse lugar que a gente chama de parquinho gráfico, por quê?

[01:33:13] Orador B: Ahã.

[01:33:13] Orador C: Porque tem os... Os aparelhos, né, pra impressão.

[01:33:17] Orador B: Tem mimeógrafo ainda aí?

[01:33:18] Orador C: Tem... Tinha um aqui. Tinha aqui um tempão. Eles fazem...

[01:33:21] Orador B: Ali não é mimeógrafo não, né?

[01:33:21] Orador A: Acho que tem...

[01:33:23] Orador C: Mas tem, tem, porque ele sempre falam...

[01:33:24] Orador B: Ah, que legal. Porque era tudo mimeógrafo. Aqui era... Eu lembro que era... A gente adorava.

[01:33:29] Orador C: Não, eles têm uma biblioteca de tipos.

[01:33:31] Orador B: Que legal.

[01:33:32] Orador C: E aqui tem produção de livros.

[01:33:34] Orador B: Que bacana.

[01:33:34] Orador C: Cartazes.

[01:33:35] Orador B: Ahã. Essa coisa cultural... O teatro Taib existe ainda?

[01:33:39] Orador A: Ele... Se você quiser depois a gente pode dar uma... Na hora de ir embora, dar uma passada lá. Ele não existe.

[01:33:44] Orador C: Acho que vale a pena (inint) [01:33:44]

[01:33:45] Orador B: Ah, eu quero ver. Quero, sim.

[01:33:44] Orador A: Ele não existe, mas...

[01:33:49] Orador B: E essa coisa da cultura, vocês fazem coisa com música aqui? Vocês fazem alguma coisa nesse...

[01:33:53] Orador A: Tudo, né?

[01:33:54] Orador B: Ahã.

[01:33:55] Orador C: É, o que a... A ideia é acolher mais práticas processuais que não teriam espaço em outras instituições. A gente entende, nesse nosso modelo, que já existem espaços pra exposições, existem teatros convencionais, existem palcos pra apresentações. Então a gente acolhe o que outras instituições não olham tanto, que é o processo, é o... Aquela parte antes da criação estar ali pública.

[01:34:21] Orador B: Ahã.

[01:34:22] Orador C: Então aqui tem muito ensaio, muito processo de grupo de teatro.

[01:34:25] Orador B: Ah, que bacana.

[01:34:26] Orador C: Putz, você tem que vir no (inint) [01:34:27] assistir.

[01:34:28] Orador A: É. Ah, é muito...

[01:34:29] Orador C: A gente te manda o convite...

[01:34:30] Orador B: Ah, manda sim.

[01:34:30] Orador C: ...de um projeto que a gente fez durante a pandemia e que é com música também. Música klezmer, no caso.

[01:34:35] Orador B: Ahã. Ah, que legal.

[01:34:36] Orador C: Que é uma... É um projeto teatral que é baseado num musical que é encontrado no nosso acervo.

[01:34:44] Orador B: Ahã.

[01:34:44] Orador C: Que é o Sonho de (inint) [01:34:45] que foi o espetáculo que muitos ativistas da casa participaram como atores amadores no Teatro Municipal e a gente respecou esse roteiro dessa peça, as músicas em ídiche, inclusive, que é um musical. A maestrina fez todo um trabalho ali de recuperação e aí é um outro projeto mais inspirado nessa memória. E é bem... Se você vir, você vai entender um pouco...

[01:35:11] Orador B: Entendi.

[01:35:11] Orador C: ...a pegada dos projetos que têm acontecido aqui.

[01:35:12] Orador B: Que legal.

[01:35:13] Orador C: Vai estrear dia 15. A gente chama...

[01:35:14] Orador B: Tá.

[01:35:15] Orador C: ...te manda o convitinho.

[01:35:16] Orador A: Do dia 15 ao dia...

[01:35:16] Orador C: Até abril.

[01:35:18] Orador A: Abril. Aí você fala só qual dia que (inint) [01:35:19]

[01:35:20] Orador C: Não. Vale a pena você vir.

[01:35:21] Orador B: Não. Eu quero vir, com certeza. Não, com certeza.

[01:35:21] Orador C: Já anota, traz família.

[01:35:25] Orador B: Ah, que legal.

[01:35:25] Orador A: Você só me manda... Vou te passar os dias, eu te mando. Você fala "ah, vou querer tal dia", aí já deixo seu nome na lista.

[01:35:28] Orador B: Ah, ótimo. Não, com certeza. Quero vir sim.

[01:35:31] Orador C: Esse você precisa vir.

[01:35:33] Orador A: É. Ele é... Assim, no programa tá escrito "é um teatro que se refugia no cinema e o cinema que se refugia no teatro", porque não dá pra você definir se ele é um teatro ou se ele é um cinema.

[01:35:42] Orador C: É uma experimentação. E baseada num musical. Então acho que essa coisa da música acho que vai ficar... Vai ficar claro pra você.

[01:35:47] Orador B: Ah, que legal. Que legal.

[01:35:50] Orador A: Então acho que é isso mesmo. Obrigado, maravilha.

[01:35:51] Orador B: Obrigado você. Aí não sei o que vocês acharam, mas, assim, eu falei e... (risos)

[01:35:58] Orador A: Olha, vamos ver aqui, tem um...

[01:36:00] Orador C: Eu acho que o... Realmente algo aí. E aí o Jean trouxe isso também do acervo.

[01:36:04] Orador A: Das fotos, né?

[01:36:05] Orador C: Das fotos.

[01:36:07] Orador A: Que é bem assim... Ah, achar você não foi algo difícil, porque era a única pessoa ali...

[01:36:13] Orador B: Claro. Mas minhas irmãs devem tá por aí também.

[01:36:16] Orador A: Sim, sim. Vou dar olhada.

[01:36:17] Orador C: Curioso, porque eu não lembro de ver me... A gente ficou um tempão olhando, não vi nenhuma menina.

[01:36:20] Orador B: É, eu lembro que tem algumas fotos... Depois eu posso dar uma olhadinha assim, que é álbum de formatura que tem duas meninas negras, eu tenho quase certe... Eu vou

tirar a foto e vou te mandar.

[01:36:30] Orador B: Ah, manda pra mim. Deve ser minhas irmãs.

[01:36:32] Orador A: vou mandar, porque você falando agora, é da mesma época que você estudava e é bem mais marcante.

[01:36:38] Orador B: Ah, tá.

[01:36:39] Orador C: Então a gente tinha realmente uma curiosidade de, tipo, tá, isso é o discurso oficial do Scholem, mas e se a gente falasse com algum aluno mesmo. E aí esse ponto de contato, que também é isso, né, assim, de, tipo, se a Casa do Povo é esse monumento antifascista, se a gente olha pro Levante do Gueto de Varsóvia, que é um... Uma data que relembra a resistência judaica, mas hoje a gente... São Paulo, Brasil, são várias resistências ao mesmo tempo. Resistência negra, resistência indígena, e como... Se a gente quer falar de resistência, a gente tem que botar as coisas juntas, né?

[01:37:15] Orador B: Claro, com certeza.

[01:37:16] Orador C: A gente tá fazendo uma escola guarani aqui com uma aldeia, inclusive. Acolheu vários coletivos de islã, que também traz essa discussão. Poesia islã, né, aquelas de rua, inclusive, mas acho que tem que ter esse lugar dos relatos também. Então foi muito legal te ouvir.

[01:37:39] Orador A: Acho que o... Seria legal também o Levante, participar do Levante.

[01:37:43] Orador C: Isso. A gente vai te botar na (inint) [01:37:45]

[01:37:44] Orador B: Claro.

[01:37:46] Orador A: Eu acho que a foto da sua irmã por aqui.

[01:37:48] Orador B: Agora você vê que engraçado, né, você vê, a... Essa história da gente vir pro Scholem veio duma pessoa daqui, né, que falou...

[01:37:56] Orador C: Da Fani.

[01:37:56] Orador A: Sim, isso.

[01:37:57] Orador B: ...não... Não... Mas a primeira pergunta meu pai falou "não é uma escola judaica?" "Não. É, mas ali..." Né? Então realmente tinha...

[01:38:05] Orador C: Mas aí a dúvida é: será que foi... Isso é uma escolha institucional ou foi uma pessoa que teve esse olhar, a diretora Fani, do tipo, não, é isso, e ela fez por conta própria, entende? Isso também é um dilema. Né? Porque também os lugares são feitos por pessoas.

[01:38:21] Orador B: Sim. Com certeza.

[01:38:25] Orador A: Ai, eu...

[01:38:26] Orador C: E é isso, né, conheceu seu pai, deve ter rolado um papo super legal pra ter uma...

[01:38:29] Orador B: Nossa, diz que foi. Ele... O meu pai, eu lembro, que foi incrível. Tanto que ele pegar e falar "então eu vou lá."

[01:38:38] Orador C: É. Rolou alguma coisa nessa conversa.

[01:38:38] Orador B: E colocou três filhos na escola, né? Os três.

[01:38:42] Orador C: E era pago na época, era uma mensalidade?

[01:38:44] Orador B: Era pago. Era pago. Mas como eram três, tinha bolsa, né? Então...

[01:38:49] Orador C: É, rolou...

[01:38:50] Orador B: Até isso era legal assim, porque não... A questão não era financeira tanto, sabe? Uma questão financeira. pagava, claro, mas, não, vamos... Vamos manter, vamos... Né? Vamos (inint) [01:39:01] Né? Isso passou um pouco pro Sagarana, porque quando eu fui estudar no Sagarana, uma escola cara, né, então eu lembro que, como eu era do Scholem, vinha do Scholem, né, tive esse passado, os diretores falaram "não, a gente dá um jeito". Ah, eu tinha bolsa também no Sagarana.

[01:39:21] Orador C: E aí eu fico na curiosidade, mas não sei se você tem essa resposta, né, que você me falou que a sua casa era cheia, né? Seu pai chamava artista, e eu fico pensando... Mas ao mesmo tempo, ele não vinha participar desse outro círculo que você frequentava, mas será é porque ele não se identificava ou... Mas, ao mesmo tempo, tinham pessoas artistas aqui,

será que elas frequentavam sua casa também? Ou não, eram galeras diferentes, sabe, assim? Uma coisa, tipo, ah, seu pai também não... Não se identificava.

[01:39:50] Orador B: O meu pai ele era uma pessoa muito ligada no trabalho dele, nas coisas dele, nas atividades dele. Ele era muito centrado nas coisas dele. Agora o meu teve... O meu pai teve muito cliente judeus.

[01:40:00] Orador A: Uhum.

[01:40:03] Orador B: Isso é muito engraçado isso, né? Ele... Ele sempre falava assim, ele falava "olha, negociar com esse povo é foda, mas a hora que você acerta, acabou. Fechou? Fechou." Aí ele falou "com a galera, com os árabes já era diferente". Você acertava um negócio, depois, noss, pagamento atrasado e não sei o quê, enchia o saco, não sei o quê. Mas ele sempre falava "judeu é negócio maravilhoso assim. É um saco pra acertar, agora que fechou, fechou." E ele tinha... E ele acabou ficando amigo de muitos assim que ele falava. Teve um que falou um negócio muito engraçado pro meu pai. Era que tinha um haras assim, se não me engano, que chamou meu pai pra fazer o trabalho, e meu pai apareceu. Ele não conhecia meu pai. Quando meu pai apareceu, aquele negão, né? Aí depois ele pegou o trabalho, foi super bacana, né? Um dia ele chegou pro meu pai e falou "olha, Chaves, quando você chegou, cara, eu vou ser super sincero, eu fiquei, falei ah, mas não vou contratar um cara desse, meu Deus, como é?" Aí depois que... Depois que... A primeira impressão que ele teve assim. Mas depois que eles conversaram, aí "não, vai ser esse cara, tal". É engraçado, né? É foda. Essas coisas não adianta, né? Isso aí a gente... É difícil... É um processo maluco assim, né? E acho que tá muito melhor hoje em dia. Com tudo. Com tudo. Né? Eu falando como um cara de 59 anos assim, que teve, né, como eu falei, eu tive muitos privilégios. Eu sei que eu tive muitos privilégios, mais que amigos meus assim, né, da época da Bela Vista e tal, mas eu acho que hoje... Hoje tem, continua, né, mas acho que hoje, sei lá, eu sinto melhor assim. Sabe? Eu sinto... A única coisa que eu não me conformo é o Bolsonaro vindo pra Hebraica, ele veio em janeiro e aquela história. Isso eu não engulo isso aí. E vou te falar, a minha ex-mulher, que é médica, ela tem... Ela faz parte de um grupo de médicos, tal, né? Lá da USP, que se formaram na turma dela. Gente, que povo complicado, gente. Um pessoal de extrema-direita, conservadores num... Assim, mas chega às raias da burrice. Você fica até com medo, você fala assim "não é possível..." Uma... Pô, quer ser médico, pô, da USP, assim, pressupõe-se que você tem um certo nível... Gente, às vezes ela mandava umas mensagens "olha o que o cara escreveu". Era um negócio assim que você fala

"gente, não é possível". Não é possível. Então eu não sei, não consigo explicar isso. Bom, tive questão com familiares também assim que... Acabar assim relação total. Não dá. Não dá. E assim vamos, né? Acho que vocês também devem ter acontecido.

[01:43:20] Orador A: Acontece.

[01:43:20] Orador B: Nossa Senhora.

[01:43:22] Orador C: Opa.

[01:43:22] Orador B: Mas romper assim, romper. Familiar assim.

[01:43:27] Orador A: Sim.

[01:43:27] Orador B: Não dá. Depois de tudo que acon... Assim, eu já acho desde o começo um cara que fala que tortura é beleza, pra mim ele já tinha acabado ali, né, ou... Né? Naquela época da Dilma que ele falou... Né? Pra mim já... Pra mim já sai preso dali. Mas, beleza, vai, não prestei atenção, vai, fui enganado. Ah, beleza. Aí depois de tudo isso o cara ainda continuar? Ah, aí não dá, cara. Aí vou falar...

[01:43:57] Orador A: Foi...

[01:43:57] Orador B: Não, não tem como. Não tem como...

[01:44:02] Orador A: E... E aí essa parte da... Do processo...

[01:44:06] Orador D: Oi, gente.

[01:44:08] Orador A: Oi, tudo bem?

(inint) [01:44:12]

[01:44:14] Orador C: A gente tá gravando a entrevista aqui.

(inint) [01:44:15]

[01:44:16] Orador C: Acho que (inint) [01:44:16] tá lá embaixo.

[01:44:17] Orador D: (inint) [01:44:18]

[01:44:18] Orador C: Acho que sim.

[01:44:19] Orador D: Desculpa (inint) [01:44:20]

[01:44:20] Orador B: Imagina.

(inint) [01:44:21]

[01:44:22] Orador A: Ô... E isso da Ditadura aqui no Scholem?

[01:44:26] Orador B: Desculpa, não entendi. A...

[01:44:28] Orador A: Isso da Ditadura aqui no Scholem?

[01:44:29] Orador B: Então, é aquela história, né? Porque eu era muito pequeno. Era uma criança, né?

[01:44:34] Orador A: Sim.

[01:44:36] Orador B: Mas isso aí nós tamos falando de anos 60, né? É, eu não tenho, realmente eu não tenho...

[01:44:44] Orador A: Não?

[01:44:43] Orador B: Não tenho muita recordação disso assim, né? Eu só lembro que foi muito complicado, porque eu tive que... Assim, meu pais, eles perderam muitos amigos.

[01:44:58] Orador A: Uhum.

[01:44:58] Orador B: Muitos sumiram. Né? Muitos foram torturados e voltaram e numa situação horrorosa. O meu pai comentava muito isso, né, na época, falava um pouco. Então foi um negócio assim... Né? Eu era muito pequeno, né? Então eu não tinha essa coisa com a Ditadura. A gente ouvia e tal. A única coisa que eu lembro dessa época da Ditadura é que, principalmente quando sai dessa escola e fui pra uma escola de freira, tinha uma coisa assim de cantar o hino antes, todo mundo de terno, uma coisa que eu achava engraçadíssima, achava absurda, mas eu ia lá, a gente tirava um sarro daquilo, mas eu lembro que tinha essa coisa da bandeira, bababá, bababá. A gente tinha uma a educação moral e cívica, que era assim, né? Mas uma coisa que eu lembro é da inflação. Ser uma coisa... Era surreal, gente. Era um negócio assim. Foi daí que lançaram os hipermercados, né? Porque o que acontecia? A galera re... Você

recebia a grana, a coisa era tão absurda, você recebia, você tinha que fazer uma compra assim gigantesca, porque um mês depois era 30% a menos o sala... Às vezes, mais, quarenta por...

[01:46:28] Orador A: E o salário não aumentava, né?

[01:46:29] Orador B: Chegou uma época... A inflação chegou a 80%. Você imagina isso? Então eu lembro da minha mãe fazendo compra assim. Assim, a gente chegou a fazer compra com... Era três carrinhos de supermercado. E a galera tinha muito freezer em casa. Tinha dois freezers. A galera estocava comida, porque senão não... Eu lembro disso assim, que era um horror. Aí depois eu lembro que a inflação, né, isso acabou, né? Aquela coisa do dinheiro ficou. Era uma coisa que a gente falava "nossa, mas continua o mesmo preço?" Eu lembro disso assim. Continua a mesma coisa? Era normal você pagar um negócio um real, né, no outro dia já era...

[01:47:17] Orador A: 1,10, 1,20.

[01:47:19] Orador B: 1,50, 1,20, 1,30.

[01:47:22] Orador A: Eu lembro disso. Eu lembro também.

[01:47:23] Orador C: É, eu não...

[01:47:25] Orador A: É, não, não, não. Você não lembra. Eu lembro que o dia do pagamento era o dia que, tipo, já ia pro mercado fazer a compra no mesmo dia do pagamento.

[01:47:34] Orador B: E tanto que era lotado. O mercado ficava lotado. E você lembra dos carrinhos? Era um monte de carrinhos.

[01:47:40] Orador A: É.

[01:47:40] Orador B: A galera comprava a rodo.

[01:47:43] Orador A: Ai, então tá. Mas acho que é isso. Mas valeu. Obrigadão.

[01:47:47] Orador B: Ah, que bom. Adorei.

[01:47:48] Orador A: Deu duas horas aqui de... Não parece, mas...

[01:47:49] Orador B: É, foi bem... Eu gravei também, né?

...

Fim da Transcrição [01:47:52]